

CASA DO FERREIRO





CASA DO FERREIRO

Alcoutim, 2010

FICHA TÉCNICA CREDITS

COORDENAÇÃO GERAL GENERAL COORDINATION

Alcance – Associação Para
o Desenvolvimento do Nordeste Algarvio
José Simão
Telma Marques

COLABORAÇÃO COLLABORATION

Associação Estrela Pereirense
Junta de Freguesia de Pereiro
Comunidade local

INVESTIGAÇÃO RESEARCH

Suzete Romba
Victoria Cassinello
Rosário Caeiro
Catarina Oliveira

RECOLHA DE FONTES ORAIS COLLECTION OF ORAL SOURCES

Suzete Romba
Rosário Caeiro
Nerve, Atelier de Design

ACOMPANHAMENTO MONITORING

Câmara Municipal de Alcoutim
Manuela Teixeira

EXPOSIÇÃO EXHIBITION

TEXTOS TEXTS

Rosário Caeiro

CONCEPÇÃO E DESIGN DE EQUIPAMENTOS LAYOUT AND DESIGN OF EQUIPMENT

Nerve, Atelier de Design

DESIGN GRÁFICO GRAPHIC DESIGN

Nerve, Atelier de Design

FOTOGRAFIA PHOTOGRAPHY

Paulo Torrado
Nerve, Atelier de Design

CONSERVAÇÃO E RESTAURO CONSERVATION AND RESTORATION

Archeofactu e Arte, Lda.
Isabel Tissot; Manuel Lemos
e Pedro Pedroso

TRADUÇÃO TRANSLATION

Maria João Camilo

REVISÃO DE TRADUÇÃO TRANSLATION REVISION

Maria João Camilo
Onoma, Gabinete de Traduções Lda.

EXECUÇÃO / MONTAGEM EXECUTION / INSTALLATION

Nerve, Atelier de Design

CATÁLOGO CATALOGUE

TEXTOS TEXTS

Rosário Caeiro

DESIGN GRÁFICO GRAPHIC DESIGN

Nerve, Atelier de Design

FOTOGRAFIA PHOTOGRAPHY

Alcance – Associação Para
o Desenvolvimento do Nordeste Algarvio
Paulo Torrado
Nerve, Atelier de Design

TRADUÇÃO TRANSLATION

Maria João Camilo
Onoma, Gabinete de Traduções Lda.

REVISÃO DE TRADUÇÃO TRANSLATION REVISION

Maria João Camilo
Onoma, Gabinete de Traduções Lda.

IMPRESSÃO PRINTING

Textype

N.º DE EXEMPLARES NR OF PRINTS

1000

DEPÓSITO LEGAL LEGAL DEPOSIT

x

ISBN

ISBN

978-989-96911-2-4

EDIÇÃO EDITION

Câmara Municipal de Alcoutim

DOCUMENTÁRIO DOCUMENTARY

REALIZAÇÃO / DIRECÇÃO / PRODUÇÃO ACHIEVEMENT / DIRECTORATE / PRODUCTION

Nerve, Atelier de Design

TEXTO TEXT

Nerve, Atelier de Design

FOTOGRAFIA PHOTOGRAPHY

Paulo Torrado

GUIÃO SCRIPT

Nerve, Atelier de Design

EDIÇÃO EDITION

Câmara Municipal de Alcoutim

TRILHA SONORA SCORE

João Fernandez

FINALIZAÇÃO TERMINATION

Filipe Nobre

ESTÚDIO DE SOM SOUND STUDIO

Jorge Rocha

TRADUÇÃO E LEGENDAGEM TRANSLATION AND SUBTITLING

Onoma, Gabinete de Traduções Lda.

APOIO SUPPORT

Associação Estrela Pereirense – Grupo
Etnográfico
Comunidade Local

COLABORAÇÃO COLLABORATION

António José Lourenço
António Mestre Góis
António Francisco Margarida
António Soares da Palma
Clifford Issler
Daniel João Neves
José António Pedro
José Cavaco Nobre
Maria Adelaide Martins Guerreiro
Maria Antónia Gomes
Maria Catarina Palma
Maria Celeste Margarida
Maria Claudina Marques Rosa
Maria Catarina Ribeiros Teixeira
Matias Mestre Pereira
Odília Maria Romão
Suzete da Palma Romba Guerreiro
Victoria Cassinello
Associação Estrela Pereirense –
Grupo Etnográfico
Comunidade Local

DURAÇÃO DURATION

20 minutos

AGRADECIMENTOS ACKNOWLEDGEMENTS

Abílio Valente Estevens
António Francisco Margarida
António Margarido
António José Cavaco
António José Lourenço
António Mestre Góis
António Soares da Palma
António Valente
Associação Estrela Pereirense
Clifford Issler
Custódio Rodrigues
Custódio Sebastião
Daniel Neves
Elisiário Soares
Francisco Lourenço
Gilberto Francisco
João António Martins
José António Pedro
José Cavaco Nobre
José Vicente
Manuel Francisco Cardeira
Maria Adelaide Martins Guerreiro
Maria Antónia Gomes
Maria Catarina Palma
Maria Celeste Margarida
Maria Claudina Marques Rosa
Maria Catarina Ribeiros Teixeira
Matias Mestre Pereira
Odília Maria Romão
Pedro José
Suzete Romba
Vitoria Cassinello



CAPA COVER

Ferradura Horseshoe
Paulo Torrado

**VERSO DA CAPA E DA CONTRACAPA
COVER AND BACK COVER INSIDE**

Parede de xisto Schist wall
Autor desconhecido Unknown author

PP. 4/5

Malhando o ferro Hammering iron
Nerve, Atelier de Design

ÍNDICE INDEX

- 8** Preâmbulo
Preamble
- 13** Dos objectos às memórias
From objects to memories
- 19** A metalurgia e o ferreiro
Metallurgy and the blacksmith
Elementos históricos
Historical elements
Dimensão simbólica
Symbolic dimension
- 45** Nordeste Algarvio
North-eastern Algarve
O Território e a actividade metalúrgica
Territory and metallurgical activity
- 53** Ferreiros em Alcoutim
Blacksmiths in Alcoutim
- 59** O Ferreiro e o mundo rural
The Blacksmith and the rural world
Medicina popular
Popular medicine
Ferreiros, Ferradores e Alvitares
Blacksmiths, Farriers and Alvitares
- 67** A Oficina do Pereiro
Pereiro's Workshop
Alfaias, balanças e ferraduras
Farm implements, scales and horseshoes
A forja do Mestre Chico no quotidiano rural:
notícias, tratamentos e amores
*Master Chico's forge in the rural daily life:
news, treatments and love*
- 81** Antigos saberes, Novos fazeres
Ancient knowledge, New doings
- 87** Catálogo
Catalogue

PREÂMBULO

(...) Nós, portugueses, estamos não nas vésperas, mas em plena fase de perdermos toda essa riqueza do passado. Se não correremos rapidamente a salvar o que resta, seremos amargamente acusados pelos vindouros, pelo crime indesculpável de ter deixado perder o nosso património tradicional, dando mostras de absoluta incúria e ignorância. Se não o fizermos, daqui a duas gerações podemos ser um povo descaracterizado e profundamente pobre... (...)”

Jorge Dias *in* A Etnografia como Ciência, Revista de Etnologia, n.º 1.

A aldeia do Pereiro possui uma antiga e forte tradição na arte do ferro.

Há algumas dezenas de anos, quando a agricultura era a base da economia local, o Pereiro foi um dos mais importantes produtores de alfaias agrícolas do Nordeste Algarvio. As oficinas proliferavam e o som dos malhos cadenciava as actividades diárias da aldeia. Em dias de mercado e da Feira de S. Marcos, a actual Feira de 25 de Abril, as diversas oficinas fervilhavam de *lavradores* e *almocreves* que aproveitavam para ferrar as bestas, comprar uma foice nova ou uma *trempe* para agradar à patroa. Era nestes dias que também se aproveitava para rever parentes e amigos e pôr a conversa em dia.

PREAMBLE

“(...) We, the Portuguese, are not about to lose all that richness of the past, we are already at that stage. If we do not run quickly to save what is left of it, the future generations will bitterly accuse us of the unforgivable crime of losing our traditional heritage, showing signs of absolute negligence and ignorance. If we do not do that, within two generations, we can be a depersonalized and deeply poor people... (...)”

Jorge Dias *in* A Etnografia como Ciência, Revista de Etnologia, nr 1.

The village of Pereiro has a strong and ancient tradition in the art of iron.

A few decades ago, when agriculture was the basis of local economy, Pereiro was one of the most important manufacturers of farm implements of the north-eastern Algarve. The workshops proliferated and the sound of the sledgehammers gave rhythm to the village’s daily activities. On market-days and during Feira de S. Marcos, the present Feira de 25 de Abril, the several workshops swarmed with farmers and muleteers who took the opportunity to shoe the beasts, buy a new sickle or a trivet to please their wives. On those days, people also took the opportunity to visit their relatives and friends and to chat a little bit.

As serranias do Pereiro
Pereiro’s mountain ranges
Paulo Torrado



Uma nova fase na vivência desta aldeia foi iniciada nas décadas de 60 e 70 do século XX com a decadência da agricultura que determinou o abandono dos campos, originou o êxodo da população para a capital, para os núcleos urbanos do litoral e para o estrangeiro, e levou ao declínio das actividades tradicionais, como a do ferreiro. Mas estas actividades ainda se encontram fortemente presentes na memória social e cultural da comunidade. Memória que induziu a comunidade da aldeia do Pereiro a revitalizar a associação local e que, de alguns anos a esta parte, revive festas e arraiais, cantorias e ofícios nas ruas da aldeia e na tradicional feira de Artesanato de Alcoutim, que se realiza todos os anos no mês de Junho. Este genuíno grupo etnográfico, que na sua génese esteve a S.^a Suzete Romba e o Sr. António Francisco entre outros, ensina-nos a preservar a memória e a cultura de um povo e são exemplo, não só para Alcoutim como para toda a serra algarvia e porque não para todo o país.

A Casa do Ferreiro nasceu da tenacidade e vontade de uma comunidade desejosa em não deixar o passado cair no esquecimento, em não deixar perder o seu património tradicional e, poder-se-á dizer, de muita nostalgia. Mas nasceu, e desde o primeiro momento teve o total apoio do Município. A ideia começou a tomar corpo com a aquisição da antiga oficina do Mestre Chico. Do projecto de recuperação arquitectónica à execução da obra foi um passo. Longo, moroso mas que se concretizou e graças ao acompanhamento dos dinamizadores o projecto museográfico, baseado na investigação desenvolvida por meia dúzia de intervenientes, tende em atenção a tradição, o património e a memória de uma comunidade.

Este é um projecto dinamizador e uma experiência única para o município, pois é o primeiro projecto de um núcleo museológico que nasceu da vontade de uma comunidade e foi desenvolvido com o total apoio desta, mas, principalmente, com a sua participação activa, dinamizadora e crítica. Um projecto que vai ser abraçado e gerido pela comunidade para e pela qual nasceu e que não poderá ser acusada de “incúria e ignorância” pelas gerações vindouras.

Na aldeia do Pereiro ainda se ouve o som dos malhos, provocado pelas sábias mãos calejadas do último ferreiro; e que na Casa do Ferreiro se preserva para o futuro... a memória do que foi... uma aldeia onde o som era outro... o som dos malhos e do choro do ferro a contorcer-se numa metamorfose incandescente.

O Presidente da Câmara
Francisco Amaral

The 1960s and 1970s marked a new stage in this village’s way of living, which determined the abandonment of the fields, causing the population to leave for the capital, for the urban, littoral centres and abroad. This led traditional activities such as that of a blacksmith to decline. But these activities are still present in the social and cultural memory of the community. This memory motivated the community of Pereiro to revitalize the local association, which has been recovering festivities and *arraiais* (open-air popular festivals with fireworks, dances and songs), singsongs and trades in the village streets and at the traditional Feira de Artesanato de Alcoutim, which takes place every year in June. This genuine ethnographic group, created by Suzete Romba, António Francisco and many others, teaches us to preserve the memory and culture of a people and it is an example, not only for Alcoutim but also for the mountains of the Algarve and even for the entire country.

Casa do Ferreiro was born from the will and tenacity of a community wishing not to let the past sink into oblivion and lose its traditional heritage and nostalgia. But it was really created and since its first moment with the full support of the municipality. The idea started to take form with the purchase of Master Chico’s former workshop. From the architectonic restoration project to the repairs was a quick move. A long and slow step which became real thanks to the support of the museological project leaders. This project is based on the research carried out by some participants and it pays attention to tradition, the heritage and the memory of a community.

This is an inspiring project and a unique experience for the municipality, since it is the first project carried out by a museological centre which was born from the will of a community and it was developed with its full support, but mainly with its active, stimulating and critical participation. It is a project that will be embraced and managed by the community which will not be accused of “negligence and ignorance” by the future generations.

In the village of Pereiro it is still possible to hear the sound of the sledgehammers caused by the wise, calloused hands of the last blacksmith; and Casa do Ferreiro preserves for the future... the memory of what once was... a village where the sound was different... the sound of the sledgehammer and of iron when it cried contorting in an incandescent metamorphosis.

The Mayor
Francisco Amaral

DOS OBJECTOS ÀS MEMÓRIAS FROM OBJECTS TO MEMORIES

*“há-de acabar-se mais depressa quem faça as coisas do que quem as gaste.”
“those who make things will end faster than those who use them.”*

Há já mais de 40 anos encerrada e destituída da sua função original, a oficina de ferreiro do Pereiro, remodelada a sua estrutura arquitectónica, apresentou-se, numa primeira visita, completamente despojada de objectos ou de referências do que fora em tempos.

Havia então todo um trabalho de construção (ou reconstrução) naquele local das memórias que o definiram como uma oficina de ferreiro. Encontrar os interlocutores de duas realidades distintas: o passado e o presente. Percepcionar os objectos a expor, encará-los como factos sociais para que deles fosse possível recolher a sua história, os discursos que encerram. E devolver àquele espaço vazio e silencioso os sons de toda a actividade que ali existiu num passado que, apesar de ser relativamente recente, é já demasiado remoto, permitindo entrever e imaginar, as cadências rítmicas das marteladas e do tinir das ferramentas, o rumor das conversas de quem por ali passou e o calor que ali fez...

Closed and deprived of its original function for over 40 years, the architectonic structure of Pereiro's blacksmith workshop has been remodelled and in a first visit it presented itself completely stripped of objects or references of what it used to be.

There was a building (or rebuilding) work in that place filled with memories which defined it as a blacksmith workshop. To find the interlocutors of two distinct realities: past and present. To perceive the objects that will be exhibited and to face them as social facts so that their history and the speeches they comprise could be compiled. And to return to that empty and silent space the sounds of all the activity that existed there in a past which although it is relatively recent, is already too distant, allowing people to imagine and to catch a glimpse of the rhythmic cadences of the hammer blows and of the tools' tinkling, the noise of the talks of the people who went there and of the warmth that could be felt...

Porque à semelhança das poucas forjas com características essencialmente artesanais que ainda hoje perduram no Nordeste Algarvio, esta deve ser tida como um capital territorial associado a memórias a potenciar, tendo em consideração as adulterações já ocorridas e, sobretudo, o risco de extinção da actividade de ferreiro.

A oficina de ferreiro é, numa primeira abordagem, um local de trabalho. Mas esta simples constatação encerra uma dimensão muito mais alargada que deve ser tida em conta. De facto, ela insere-se numa realidade dinâmica que além de a caracterizar apenas funcionalmente, a caracteriza como um espaço de interacção social.

Because just like the few forges with essentially artisanal characteristics that still exist in the north-eastern Algarve, this one must be considered as territorial capital linked to memories that might be promoted, considering the adulterations that occurred and especially the risk of the blacksmith's activity.

In a first approach, the blacksmith's workshop is a place of work. But this simple observation includes a much wider dimension which should be bore in mind. In fact, it is integrated into a dynamic reality which only characterizes it functionally and it also characterizes it as a place of social interaction.



Grupo Etnográfico 'Estrela Pereirensis'
na Casa do Ferreiro, Pereiro
'Estrela Pereirensis' Ethnographic
Group in Casa do Pereiro, Pereiro
Paulo Torrado

Conceptualmente, o projecto de musealização da oficina de ferreiro concebe a oficina como, muito mais do que um espaço de contemplação de objectos e de memórias, uma forma de olhar e de neles perceber e reflectir sobre uma realidade social, associada à identidade do território em que se insere.

É neste sentido que a forja revelada e entendida como um centro de interacção¹, testemunha uma determinada existência social. Porque evoca, através do espaço e dos objectos, uma dimensão imaterial que se revela fundamental conhecer e dar a conhecer em significados históricos e sociais (etnográficos, afinal). Contextualizada em todas estas dimensões, a forja é representativa mais do que de uma função, de realidades que se descobrem nas histórias contadas por quem ali vive e por ali passa ou de quem viveu aquele espaço num outro presente. Desta forma, através de um esforço de reprodução de memórias, sobre o que é imaterial torna-se possível enquadrar social e historicamente aquele espaço e os objectos a expor, enquanto testemunhos materiais. Mas este será um esforço contínuo que não se esgotará nem neste texto nem no discurso expositivo.

At a conceptual level, the musealization project of the blacksmith's workshop conceives the workshop not so much as a place to contemplate objects and memories, but more as a way of looking at objects and memories and understand them as well as a way of thinking about them as a social reality, linked to the identity of the territory into which it is integrated.

In this sense, the forge is revealed and understood as an interaction centre¹ and it witnesses a certain social existence. Because it evokes, through space and objects, an immaterial dimension which is essential to know and make known in historical and social meanings (ethnographic, actually). Contextualized in all of these dimensions, more than a function, the forge represents realities which can be discovered in the stories told by people who live there and people who visit the place or by people who "lived the place in another present". Therefore, through an effort to reproduce memories of what is immaterial, it is possible to socially and historically frame that space as well as the objects that will be exhibited as material statements. But this will be a continuous effort which will not run out in this text nor in the exhibition's speech.

If memories which are not eternal fade with the last breath of who holds them, what is material fades slower. But what can witness the materiality of objects other than the reference to what is immaterial, to memories and to the statements they carry inside? This idea is expressed in the words of José Vicente (80 years old), a former blacksmith, when he says as a sort of prophecy, repeating what others before him have told: "Those who make things will end faster than those who use."

¹ Giddens conceptualiza território como o lugar ou ambiente onde a interacção social decorre.

¹ Giddens conceptualizes territory as the place or environment where social interaction occurs.

Se as memórias, que não são perenes, desaparecem com o último sopro de quem as detém, o que é material desaparece mais lentamente. Mas o que é que testemunha a materialidade dos objectos senão a referência ao que é imaterial, às memórias e aos testemunhos que neles se encerram? Ideia que se expressa nas palavras de José Vicente (80 anos), antigo ferreiro, quando diz, em jeito de profecia, repetindo o que lhe disseram outros antes dele: 'há-de acabar-se mais depressa quem faça as coisas do que quem as gaste.'

De facto, a reflexão sobre espaços e objectos que veiculam memórias e momentos que cadenciaram vidas de pessoas não deixou, de todo, de fazer sentido e de ter significados porque espelham nessa reflexão um passado que apesar de recente se mostra muitíssimo diferente. Mas é neste passado que se encontra o sentido do presente e que se o descobre também...

Os testemunhos que se conseguiram obter, referentes à oficina, remetem para um período relativamente recente, pouco mais de 60 ou 70 anos. Contudo, para invocar todo o contexto em que a oficina funcionou há que ir, no tempo, muito mais atrás, para que se compreenda a importância do ferro no percurso histórico da humanidade, e abarcar ainda todo o território em que a oficina está inserida.

Esboçam-se assim laivos e traços da história social daquela forja e do território em que se insere, para que seja possível pela reprodução da memória de um espaço edificar um espaço de memória onde se estabeleça uma continuidade entre passado, presente e futuro e que ao se contemplar o passado e descobrindo-o o façamos existir no seu espaço de sempre mas num tempo novo e diferente.

In fact, the thought about spaces and objects which convey memories and moments that gave cadence to people's lives have not lost their sense and meanings because in that same thought they reflect a past that despite being recent, shows itself quite different. But it is in this past that one can find the meaning of the present and one can also discover it...

The statements that were obtained regarding the workshop refer to a relatively recent period of time, a little over 60 or 70 years. However, to invoke the entire context in which the workshop operated, it is necessary to go way back in time in order to understand the importance of iron in the historical course of humankind and to comprehend all the territory into which the workshop is integrated.

This is how the traces of the social history of that forge and of the territory into which it is integrated is outlined, so that it is possible to use the reproduction of a space memory to create a memory space where there is continuity between the past, the present and the future. And by contemplating and discovering the past, one brings it into existence in its same old space but in a new and different time.

Manuel João da Palma
1957
Família Romba
Romba Family



A METALURGIA E O FERREIRO

METALLURGY AND THE BLACKSMITH

ELEMENTOS HISTÓRICOS

HISTORICAL ELEMENTS

Na história da humanidade, o ferro é um dos seus elementos chave. Arqueologicamente, o tempo é organizado de acordo com a tecnologia dominante: inicialmente a pedra, depois os metais (destes primeiro o cobre, depois o bronze e, por fim, o ferro). O uso do ferro foi, indubitavelmente, um factor essencial para o aperfeiçoamento das técnicas e dos instrumentos usados, sobretudo na guerra e na agricultura. No entanto, a origem da metalurgia perde-se no tempo, o que fez surgir ao longo de séculos muitas lendas que foram tentando dar resposta à questão sobre qual terá sido o acaso que deu origem à metalurgia? Provavelmente a descoberta dos metais terá ocorrido no tempo frio, quando os Homens, para se protegerem das intempéries, terão feito grandes fogueiras. O fogo terá fundido o metal fazendo descobrir, no meio das cinzas, alguns fragmentos. Este acaso terá prendido a atenção dos Homens, que terão depois tentado reproduzir o que se passou na fogueira.

In the history of humankind, iron is one of its key elements. Archaeologically, time is organized according to the prevailing technology: initially there was stone, then there was metal (the first one was copper, then bronze and lastly iron). The use of iron was undoubtedly an essential factor for the improvement of the instruments and techniques used in war and in agriculture. However, the origin of metallurgy gets lost in time, and throughout the centuries, it created many legends which tried to answer the question: what was the event that gave origin to metallurgy?

The discovery of metal possibly occurred during the cold season, when men probably built a fire to protect themselves from the storms. Fire would have melt metal, causing men to discover some fragments among the ashes. This event could have drawn men's attention, possibly making them try to repeat what had occurred in the fire.

Datar o início do trabalho do ferro revela-se muito difícil, porque será o resultado de uma contínua troca de saberes. Não existem referências que precisem concretamente o início da Idade do Ferro. Não atribuindo ao ferro uma importância decisiva nos processos de desenvolvimento social, os escritores da antiguidade evocam-no muito raramente e nunca referem os seus procedimentos de extracção, produção e transformação. Este facto explica-se, tão simplesmente pela ideia, então vigente, de que os progressos sociais de uma comunidade não se podem atribuir ao percurso indeciso de uma arte que então era ainda muito empírica.

To date the beginning of the work of iron is very difficult because it is the result of a continuous knowledge exchange. There are no references which specify the beginning of Iron Age. Not giving iron a decisive importance in the social development process, ancient writers rarely evoke it and they never mention its extraction, production and transformation procedures. This fact is simply explained by the idea that the social progress of a community could not be attributed to the indecisive course of an art which then was still very empirical.

In fact, the use of iron came after the use of copper and bronze, but that succession did not occur everywhere at the same time. In many places, the use of bronze and iron occurred at the same time. However, the use of iron rapidly spread, especially with the making of common tools and weapons.

In the Iberian Peninsula, the massification of the use of iron occurred later. This is due to the territory's geographical situation (in relation to the rest of Europe), but also to the great quantities of copper and tin that exist in the region. However, it is known that, the first incursions, although limited, of the metal in the territory were through the southern Phoenician warehouses or through the arrival of the Celts to the peninsular northeast. This way, Iron Age might have started around 1000 and 900 BC in the Peninsula, with its dissemination having been intensified in the middle of the 7th century BC.

For centuries, metallurgical knowledge was orally passed on by artisans belonging to a same family or by people who were very close to them, without any worries in registering methodological procedures. During the first centuries of the Middle Ages, nomadic populations coming from the East (who also brought Alchemy) used their means of action and their research methods in metallurgy, leading to the discovery of the true metal composition and to the systematization of its treatment methodologies. Since then, iron mines and forges developed a little bit all over Europe and metal work improved.

Modelando uma ferradura
Shaping a horseshoe

Paulo Torrado



De facto, o uso do ferro sucedeu ao do cobre e ao do bronze, mas essa sucessão não ocorreu em todo o lado ao mesmo tempo. A utilização do bronze manteve-se, em muitos lugares, a par com o do ferro. Contudo, a utilização do ferro difundiu-se rapidamente, especialmente no fabrico de utensílios comuns e de armas.

A generalização do uso do ferro, na Península Ibérica, foi tardia. O que se deve, quer à situação geográfica do território (em relação ao resto da Europa), quer também às grandes quantidades de cobre e de estanho existentes na região. Sabe-se, no entanto, que pelos entrepostos fenícios a Sul e pela chegada ao NE peninsular dos celtas deram-se no território, ainda que muito circunscritas as primeiras incursões daquele metal. Desta forma, a Idade do Ferro poderá ter tido início por volta de 1000 e 900 a. C. na Península, tendo-se intensificado a sua difusão a partir de meados do séc. VII a. C.

Durante séculos, os conhecimentos metalúrgicos foram sendo transmitidos oralmente pelos artesãos de uma mesma família ou muito próximos, sem que houvesse qualquer preocupação em registar procedimentos metodológicos. Durante os primeiros séculos da Idade Média, as populações nómadas vindas do Oriente (que trouxeram também a Alquimia) imputaram os seus meios de acção e métodos de investigação à metalurgia, conduzindo à descoberta da verdadeira composição dos metais e à sistematização das metodologias no seu tratamento.

A partir de então, as minas de ferro e as forjas desenvolveram-se um pouco por toda a Europa e o trabalho dos metais aperfeiçoou-se.

A indústria metalúrgica permaneceu durante muito tempo exclusivamente ou sobretudo rural.

For a long time, metallurgical industry remained exclusively or mainly rural. This is due to the absence of great commerce, therefore to the necessity of producing in the place itself, and to the scattering of forges, ore and forest charcoal (cf. Heers: pp.60). This scattering, as well as the quick end of the resources, especially of wood for the production of charcoal, confined the blacksmith to a nomadic existence.

Only in the 11th and 12th centuries in Europe did a massification of cereal cultivation occur, which was due to the improvements introduced in agricultural technology: the ploughs were progressively improved. Iron pieces were added to the wood, thus strengthening the action of the contact points with the land, that is, the ploughshare and the mouldboard of the plough. The use of iron and horses thus becomes common all over Europe, assuring the improvement of metallurgical techniques (stimulated by military aristocracy and simultaneously land owners – which clearly shows the connection between metallurgy and war or agriculture). The blacksmiths then leave the forests and the mine vicinity and start settling in the rural and urban centres.

Tal deve-se, por um lado à ausência do grande comércio e, por consequência, à necessidade de produzir no próprio lugar, e por outro à dispersão das forjas, de minério e de carvão vegetal das florestas (cf. Heers: pp. 60). Esta dispersão, bem como o rápido esgotamento dos recursos, sobretudo da madeira para a produção de carvão, confinavam o ferreiro a uma existência nómada.

Só nos séculos XI e XII, na Europa, se verificou uma generalização do cultivo de cereais, o que se deveu muito aos melhoramentos introduzidos na tecnologia agrícola: o arado e posteriormente a charrua foram sendo melhorados. Adicionaram-se peças de ferro à madeira de que era completamente constituído, reforçando a acção dos pontos de contacto com o terreno, ou seja, relha e aiveca. A utilização do ferro e do cavalo torna-se assim comum por toda a Europa, assegurando o progresso das técnicas metalúrgicas (estimulados por uma aristocracia militar e, simultaneamente, terratenente – o que evidencia a ligação da metalurgia quer à guerra, quer à agricultura). Os ferreiros saem então das florestas e das imediações das minas e começam a instalar-se nos centros rurais e urbanos.

A instalação do ferreiro nos centros urbanos (sobretudo em finais do séc. XII) introduziu nas sociedades um trabalhador especializado de grande prestígio. Constituindo-se como uma das causas do crescimento económico, a forja foi também um resultado deste, já que a sua existência seria impossível sem uma melhoria significativa do nível de vida dos camponeses. É que, se, por um lado, as ferramentas produzidas pelos ferreiros eram mais caras, também eram mais eficientes. Quem tivesse dinheiro suficiente para as adquirir e lhes juntar uma parrelha de bois, eram-lhes garantidas melhores colheitas, o que significava maiores lucros. É por isso, que a partir desta altura, e até bem perto dos nossos dias (antes da mecanização agrícola) a riqueza de uma casa agrícola era avaliada pelo número de arados utilizados numa lavoura.

The blacksmiths' settling in urban centres (especially in the end of the 12th century) introduced in societies a prestigious, skilled worker. Being one of the causes of economic growth, the forge was also one of its results, since its existence would be impossible without a significant improvement of the peasants' life conditions. On the one hand, if the tools made by the blacksmiths were more expensive, on the other hand, they were also more effective. Those people who had enough money to buy them and add a yoke of oxen to it had better crops, which meant bigger profits. That is why from that time on and until the present days (before agricultural mechanization), the wealth of an agricultural house was valued by the number of ploughs used in farming.

Em Portugal, a produção de artigos de ferro ocorreu muito antes do país surgir como uma entidade política autónoma. Então, à semelhança do que acontecia um pouco por toda a Europa, usava-se este metal no fabrico de diversas alfaías agrícolas, na construção, na ferra de animais e no fabrico de armas. A fundição e a forja constituíam uma importante actividade produtiva, sendo inúmeras as menções da actividade dos ferreiros e da existência de oficinas, sendo o ferro tido como um importante indicador de valor. *Ferros e ferraduras* são palavras “registadas em diversos forais para designar uma pensão que antigamente se cobrava em certas regiões de Portugal. Em geral era em ferro, mas não raro havia quem o fizesse em dinheiro ou espécies e no montante suficiente para comprar o número de ferraduras que o enfiteuta era obrigado a pagar. Esta contribuição, com que as classes servas alcançavam o direito ao lar era, em geral, imposta pelas corporações religiosas, embora não pertencessem a ordens militares, nem possuíssem regalias de cavaleiros fidalgos.” (Lexicoteca, 1984: pp. 214)

Outra alusão à crescente actividade metalúrgica é o registo da existência de agrupamentos profissionais - Em Portugal², este ofício “tinha regimento dado pelo senado de Lisboa em 1572. Pertencia à bandeira de S. Jorge. Em Leiria existiu um Hospital de ferreiros, englobando nesta designação os ferreiros, caldeireiros, picheleiros, serralheiros, ferradores, cutileiros, carvoeiros e ourives. Ignora-se a data da sua fundação, muito anterior ao estabelecimento da misericórdia local (1544), à qual veio a ser anexado no séc. XVII.” (Lexicoteca, 1984: pp 206).

In Portugal, the production of iron tools occurred way before the country appeared as an autonomous political entity. So, similarly to what happened a little bit all over Europe, this metal was used in the manufacture of several agricultural implements, in building, in animal branding and in weapon manufacture. Both the foundry and the forge were an important productive activity, with countless references to blacksmiths and workshops and iron was an important value indicator. Iron and horseshoes are words “registered in several charters to indicate a pension that used to be charged in some Portuguese regions. In general, it was charged in iron, but some did it in cash or in goods and in the right amount to buy the number of horseshoes that the long term leaseholder was forced to pay. Generally speaking, this contribution, with which the servant classes reached the right to a home, was imposed by religious corporations, although they did not belong to military orders, nor did they possess privileges of noble knight.” (Lexicoteca, 1984: pp.214)

Other reference to the growing metallurgical activity is the register of the existence of professional groups - In Portugal², this trade “had a regiment given by the Lisbon senate in 1572. It belonged to St. George’s flag. In Leiria, there was a blacksmiths’ Hospital, including in this designation blacksmiths, coppersmiths, tinsmiths, locksmiths, farriers, cutlers, coalmen and goldsmiths.” (Lexicoteca, 1984: pp. 206)

Duas ferraduras sobre bigorna
Two horseshoes on an anvil

Paulo Torrado



² “Não há dúvida que tanto em zonas rurais como sobretudo nos centros urbanos já podemos assinalar no séc. XII (e mesmo muito antes dessa data) homens dos mesteres exercendo uma actividade profissional perfeitamente diferenciada e estável. Profissionais como os ferreiros, ferradores, oleiros, ourives, sapateiros, alfaiates, eram antiquíssimos no séc. XII. Alguns ramos artesanais já se ‘arruavam’ nesta altura, como sucedia em Guimarães, organização que possivelmente se ligava em grande parte a objectivos assistenciais, que encontravam a sua melhor expressão nas ‘confrarias’ que iam surgindo em diversos pontos.” (Castro, 1983)

² “In the 12th century (and even way before that date), there is no doubt that both in rural areas and in urban centres it is already possible to indicate trade men practising a perfectly differentiated and stable professional activity. Professionals such as blacksmiths, farriers, potters, goldsmiths, shoemakers and tailors were very ancient in the 12th century. By then, some artisanal branches already established their businesses in the streets, as happened in Guimarães, an organization which in great part was possibly linked to assisting goals which found their best expression in the ‘confrarias’ (associations) which appeared in several places.” (Castro, 1983)



Vista geral do Monte das Ferrarias
General view of Monte das Ferrarias

Paulo Torrado

Ainda outro indicador importante para a compreensão da importância económico-social da actividade metalúrgica, é o do aparecimento e a difusão, na Idade Média, por toda a Europa de patronímicos significativos como por exemplo: Ferreira em português, Smith em inglês, Schmidt em alemão, Lefèvre em francês, Herrero em castelhano, etc. e de toponímicos: Ferreira do Alentejo, Ferreira do Zêzere, Ferrarias, etc.

Sobre Ferreira do Alentejo diz Frei Santa Rosa de Viterbo: “Resta dizermos alguma coisa sobre a razão de se dar o nome de ferreira a algumas povoações desta monarquia. Que de ferros, ferraduras, fábricas de ferro ou oficinas, em que se lavrava, a que chamavam ferrarias, lhes proveio o nome de ferreiras, parece incontestável. Pelo que dissermos de umas se poderá ajuizar das outras. A vila de Ferreira do Alentejo, entre o Torrão e Beja, desde tempo imemorial, tem por armas ou brasão uma matrona com dois malhos ou martelos de ferreiro nas mãos. Esta insígnia, por si mesma, está mostrando donde viria o nome a esta povoação, notável já no tempo dos romanos, segundo se pode coligir pelos vestígios e ruínas, que junto dela se encontram.” (Santa Rosa de Viterbo, 1984: pp 261).

De referir a existência no Concelho de Alcoutim de um monte na freguesia de Vaqueiros, designado por Ferrarias, que se situa próximo de uma mina explorada já no tempo dos romanos.

In the Middle Ages, other important indicator for the understanding of the economic and social importance of the metallurgical activity is the appearance and the circulation of significant patronymic names all over Europe: Ferreira in Portuguese, Smith in English, Schmidt in German, Lefèvre in French, Herrero in Castilian, etc. and also of toponyms: Ferreira do Alentejo, Ferreira do Zêzere, Ferrarias, etc.

About Ferreira do Alentejo, Frei Santa Rosa de Viterbo says: “It remains to say something about the reason of giving the name ‘ferreira’ to some of the monarchy’s villages. It seems unquestionable that the name ‘ferreiras’ came from iron, horseshoes, iron factories or workshops which were called ‘ferrarias’. For what is said about one, an opinion about the others can be formed. From time immemorial, the village of Ferreira do Alentejo, between Torrão and Beja, has a matron holding two sledgehammers or two blacksmith’s hammers in its coat of arms. This insignia is in itself showing from where came this village’s name, which was already famous in Roman times, what can be seen through traces and ruins.” (Santa Rosa de Viterbo, 1984: pp. 261)

In Alcoutim, there is a hill in the parish of Vaqueiros, named ‘Ferrarias’, which is near a mine that was already explored in Roman times.

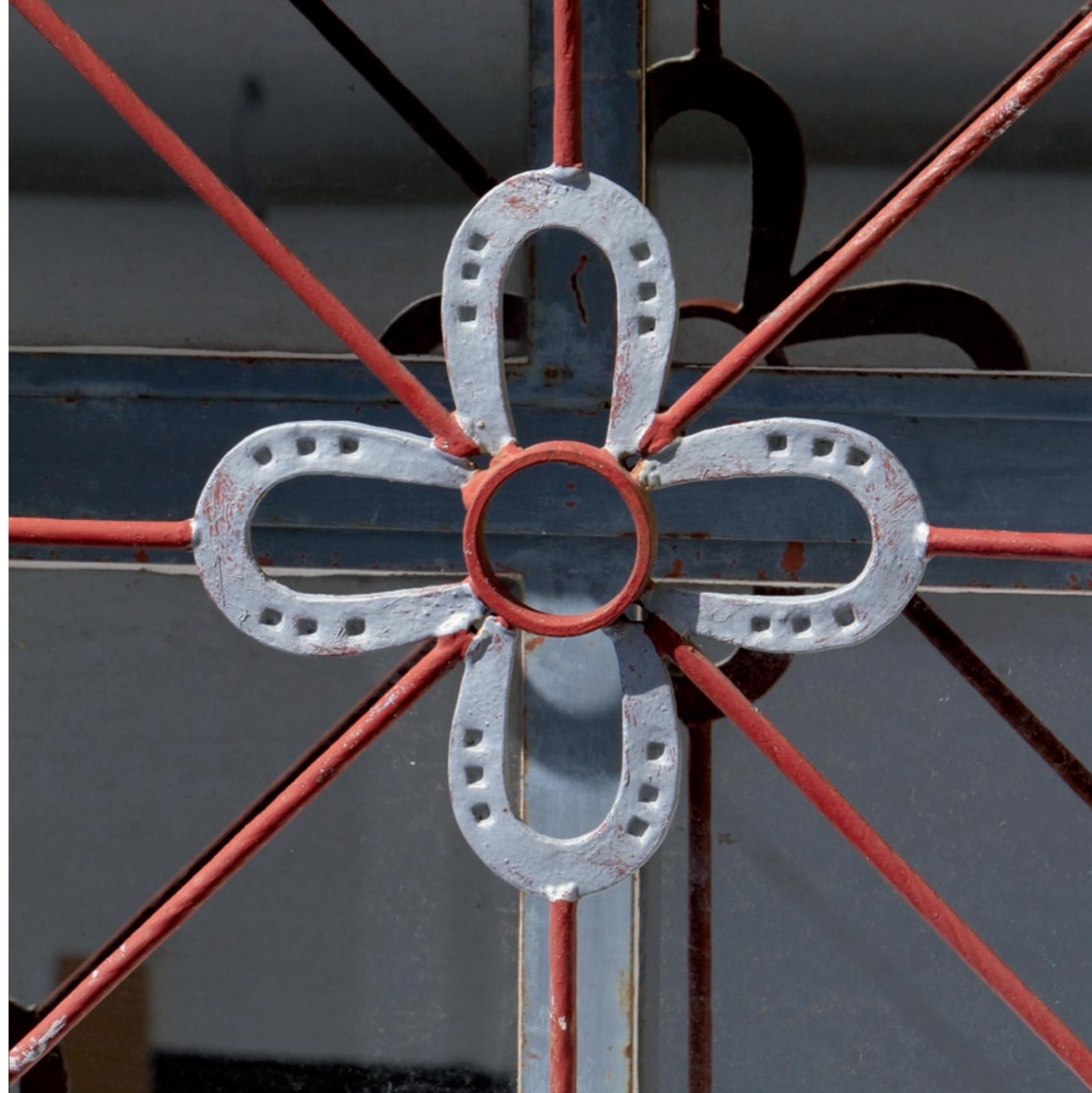
DIMENSÃO SIMBÓLICA SYMBOLIC DIMENSION

“O aparecimento tardio do ferro, seguido do seu triunfo industrial, influenciou profundamente os ritos e os símbolos metalúrgicos. Toda uma série de tabus ou de utilizações mágicas do ferro derivam da sua vitória e do facto de ter suplantado o cobre e o bronze, que representam outras ‘idades’ e outras mitologias. O ferreiro é antes de tudo um trabalhador do ferro, e a sua condição de nómada – porque ele se desloca permanentemente em busca do metal bruto e de trabalho – coloca-o em contacto com populações diferentes. O ferreiro é o principal agente de difusão das mitologias, dos ritos e dos mistérios metalúrgicos.” (Éliade: pp. 22). Antes de se impor na história militar e económica da humanidade, como a ‘Idade do Ferro’, o ferro deu lugar a criações espirituais que já pouco se reflectem nos nossos dias, mas que vale bem a pena conhecer.

“Dos ofícios ligados à transformação dos metais, o ferreiro é o mais significativo quanto à importância e à ambivalência dos símbolos que ele implica. A forja comporta um aspecto cosmogónico e criador, um aspecto asúrico e infernal, enfim um aspecto iniciático.” (Chevalier e Gheerbrant, 1994: pp. 320). Presente em inúmeras cosmogonias, o ferreiro, a sua técnica e os seus instrumentos, são muitas vezes, dotados de poderes e encantamentos extraordinários.

“The late appearance of iron, followed by its industrial triumph, deeply influenced metallurgical rituals and symbols. A whole series of taboos or magic uses of iron come from its victory and also from the fact that it replaced copper and bronze, which represent other ‘ages’ and other mythologies. The blacksmith is above all someone who works the iron and his nomadic condition – because he permanently moves in search of work and raw material – puts him in contact with different people. The blacksmith is the main dissemination agent of mythologies, rituals and metallurgical mysteries.” (Éliade: pp. 22) Before imposing itself on the military and economic history of humankind as ‘Iron Age’, iron gave room to spiritual creations which do not show themselves much in our days, but which are worth knowing.

Pormenor de gradeamento
na Aldeia do Pereiro
Detail of a railing
in the village of Pereiro
Paulo Torrado



Nalgumas sociedades, o ferreiro é tido como o grande criador: na Índia, o primeiro ferreiro védico forja o mundo; nas montanhas do Vietname, a criação é obra de um ferreiro. Noutros exemplos, não se assumindo como criador, o ferreiro assiste à criação fabricando instrumentos ou armas divinas.

Em muitas culturas africanas, o ferreiro é uma figura social central porque fabrica as alfaias agrícolas e os instrumentos de caça (actividades económicas fundamentais). Ele é assim, muitas vezes associado ao demiurgo. (cf. Chevalier e Geerbrant, 1994: pp. 321).

“Of those trades linked to metal transformation, that of a blacksmith is the most significant one regarding the importance and the ambivalence of the symbols it involves. The forge bears a cosmogonic and creative aspect, an ashuric and infernal aspect, in short, an initiation aspect.” (Chevalier and Gheerbrant, 1994: pp. 320). Present in countless cosmogonies, the blacksmith, his technique and his tools are often endowed with extraordinary powers and enchantments.

In some societies, the blacksmith is seen as a great creator: in India, the first Vedic blacksmith forges the world; in the Vietnamese mountains, the act of creation is carried out by a blacksmith. In other examples, not claiming to be the creator, the blacksmith helps the creation by making tools or divine weapons.

In many African cultures, the blacksmith is a central social figure because he makes the farm implements and the hunting weapons (essential economic activities). Thus, he is often linked to the demiurge. (cf. Chevalier and Gheerbrant, 1994: pp. 321)



Modelando uma ferradura
Shaping a horseshoe
Paulo Torrado

Na cosmogonia judaico-cristã, Tubal-Caim (descendente de Caim) é o primeiro ferreiro, “o pai daqueles que fabricavam todos os instrumentos de cobre e de ferro.” (Gênesis 4, in: *Bíblia Sagrada*, 1991, pp. 23). Para se perceber a importância desta referência, é fundamental dizer que Caim é o agricultor, o sedentário, por oposição ao seu irmão Abel – o pastor, e como se refere no Gênesis, o fundador da primeira cidade. É então evidente esta ligação entre o sedentário agricultor com o metalúrgico (seu descendente). Historicamente esta relação e o fratricídio definem e ilustram, em última análise, a ligação existente entre a idade dos metais, o florescimento da agricultura, a sedentarização e a criação de cidades, enfim, a substituição de uma ordem social por outra.

Por outro lado, nalguns mitos, a participação simbólica do ferreiro na obra cosmogónica pode estar associada a uma actividade proibida. O metal é extraído das entranhas da terra, relacionando-se com o mundo subterrâneo. Neste contexto, os ferreiros são por vezes monstros. Têm portanto, um aspecto temível infernal; a sua actividade está aparentada com a magia e a feitiçaria.

In the Judaic-Christian cosmogony, Tubalcain (descended from Cain) is the first blacksmith, “an instructor of every artificer in brass and iron”. (Genesis 4:22) To understand the importance of this reference, it is essential to say that Cain is the farmer, the sedentary one, as opposed to his brother Abel – the shepherd, and according to the Genesis, the founder of the first city. The connection between the sedentary farmer and the metallurgist (his descendant) is therefore obvious. Historically, this relationship and fratricide define and illustrate, in the final analysis, the connection between the age of metals, the blooming of agriculture, sedentary habits and the creation of cities, in short, the replacement of a social order by another one.

On the other hand, in some myths, the symbolic participation of the blacksmith in the cosmogonic work may be linked to a forbidden activity. The metal is extracted from deep inside the earth, connecting itself with the underground world. In this context, the blacksmiths are sometimes monsters. For that reason, they have a hellish and fearful look; their activity is connected with magic and witchcraft.

The blacksmith is simultaneously both linked to creation and destruction, especially the constructive destruction, or regeneration, of which the episode transcribed from *Elíade* about Christ's miracle in the forge is a good example: “Jesus Christ (St Peter, St. Nicholas or St. Eloy) plays the role of a blacksmith-farrier who heals the sick ones and rejuvenates the old ones, making them going into a heated oven or forging them over an anvil. A soldier, a priest (or St. Peter, etc.) or a blacksmith try to repeat the miracle with an old woman (the mother-in-law, etc.): they lamentably fail. But Jesus Christ saves the imprudent blacksmith resuscitating the victim from her bones or her ashes. In a certain number of stories, Jesus Christ arrives at a forge which shows ‘Here lives the master of masters’.

O ferreiro é associado simultaneamente à criação e à destruição, sobretudo entendida na lógica da destruição construtiva, ou regeneração, de que o episódio transcrito de *Éliade* sobre o milagre de Cristo na forja é um bom exemplo: “Jesus Cristo (São Pedro, São Nicolau ou Santo Éloi) desempenha o papel de um ferreiro-ferrador que cura os doentes e rejuvenesce os velhos introduzindo-os num forno aquecido ou forjando-os sobre uma bigorna. Um soldado, um sacerdote (ou São Pedro, etc.) ou um ferreiro tentam repetir o milagre com uma mulher velha (a sogra, etc.): falham lamentavelmente. Mas Jesus Cristo salva o imprudente ferreiro ressuscitando a vítima dos seus ossos ou das suas cinzas. Num certo número de contos, Jesus Cristo chega a uma forja que ostenta o seguinte ‘Aqui mora o mestre dos mestres’. Entra um homem com um cavalo para ferrar, e Jesus obtém do ferreiro a autorização para fazer o trabalho: retira uma a uma as pernas do cavalo, coloca-as sobre a bigorna, aquece a ferradura, dispõe-na em volta do casco e prega-a. Em seguida, lança no fogo do forno uma mulher velha (a esposa do ferreiro, a sua sogra, etc.) e, forjando-a sobre a bigorna, transforma-a numa rapariga muito bela. O ferreiro tenta fazer a mesma coisa, obtendo os resultados conhecidos.” (*Éliade*: pp. 84)

Esta ideia de criação e regeneração subsiste nas palavras de António Soares da Palma (76 anos), antigo ferreiro, quando diz: “O ferreiro faz tudo o que quiser do ferro. Faz do velho novo. Molda o ferro como ele quer. Em quente, se o gajo tem habilidade, vai a todo o lado.”

A man comes in carrying a horse to shoe and the blacksmith allows Jesus to do the work: he removes the horse’s legs one by one, places them over the anvil, heats the horseshoe, puts it around the hoof and nails it. Then he throws an old woman (the blacksmith’s wife, his mother-in-law, etc.) into the oven fire and, forging her over the anvil, transforms her into a very beautiful girl. The blacksmith tries to do the same thing, getting the known results.”(*Éliade*: pp.84)

This idea of creation and regeneration continues to live in the words of António Soares da Palma (76 years old), a former blacksmith, when he says: “The blacksmith makes whatever he wants with iron. He turns the old into new. He moulds iron as he pleases. When it is hot, if a guy is good, he goes everywhere.”

In the Portuguese popular imaginary it is also possible to find echoes of the connection between the blacksmith and the act of creation. Leite Vasconcelos tells the following story:

“In the vicinity of Penela, there are two very high hills in a more or less conic shape. According to popular belief, two blacksmith brothers established their forges on each hill, but they only had one sledgehammer, so they used it alternately.

No imaginário popular português também se encontram ecos da associação do ferreiro ao acto de criação. Leite Vasconcelos relata assim a seguinte história:

“Nas proximidades de Penela há dois montes bastante elevados e de forma mais ou menos cónica. É crença popular que dois ferreiros, dizem que irmãos, foram estabelecer as suas forjas, cada uma em seu monte, mas que possuindo ambos um só malho, dele se serviam alternadamente.

Os montes, na sua parte superior, distam uns 2 quilómetros um do outro, e, quando o Melo (assim se chamava um dos ferreiros) precisava do malho, chegava à porta da forja e gritava pelo Jerumelo (assim se chamava o outro), para este lho atirar. Isso repetia-se todas as vezes que trabalhavam.

Os dois ferreiros eram gigantes, porque só assim podiam ter força para arremessar o malho a tão grande distância.

Uma vez zangou-se o Jerumelo com o companheiro e atirou-lhe o malho com tanta força que, desencabando-se este no ar, foi cair o ferro na encosta do monte melo, e logo daí brotou uma fonte de água férrea, e o cabo, que era de madeira de zambujo, foi espetar-se na terra, a mais de 2 quilómetros de distância, reproduzindo-se um zambujo, que deu o nome a uma povoação, que fica a 4 quilómetros dos referidos montes, e a que por isso se chama Zambujal.

No cimo do Monte Melo vêem-se agora umas ruínas que são as da forja de um dos ferreiros.” (Leite Vasconcelos, 1969: 613).

The top of the hills were two kilometres apart and when Melo (that was the name of one of the blacksmiths) needed the sledgehammer, he came to the door and cried for Jerumelo (the name of the other blacksmith) so that he could throw it to him. This action was repeated whenever they worked.

The two blacksmiths were giants, because that was the only way they could have strength to throw the sledgehammer at such a long distance.

Once, Jerumelo got angry with his mate and threw him the sledgehammer with so much strength that it separated from the handle, fell on the slope of Melo’s hill and a fountain of chalybeate water sprang from it while the handle, which was made of wild olive wood, stuck into the soil at a distance of over two kilometres, creating a ‘zambujo’ (wild olive tree), which gave name to a village four kilometres away from the hills: Zambujal.

At the top of the hill Melo it is possible to see some ruins belonging to one of the blacksmith’s forges.” (Leite Vasconcelos, 1969: 613)



Também a arte de trabalhar o ferro é, por vezes, considerada como um importante segredo, o que é relatado na seguinte história:

“Da bruma desses tempos que já lá vão, vem certamente quâsi apagado eco dessa historieta que anda entre ferreiros e cutileiros, relativa à liga do ferro com o aço.

Uns e outros a contam por maneira diversa.

(...)

“Antigamente os ferreiros não sabiam caldear”

Como aprenderam essa operação metalúrgica³?

Não havendo no ofício a herança de um abc para seu aprendizado, que remédio senão coçar na cabeça, ensaiar inventivas, fazer da oficina *laboratório!*

Se nem assim a ideia brotava, então – era o acaso!

Foi êsse feliz acaso que deu, pelo visto, a um velho mestre o segredo de bem caldear o ferro com o aço.

According to the following story, the art of working the iron is sometimes considered an important secret:

“From the mists of times long gone, come a faint echo of this story told by blacksmiths and cutlers about welding iron to steel.

Each tells it in a different way.

...

“In the old days, blacksmiths didn’t know how to weld.”

How did they learn this metalworking procedure ³?

As there was no tradition of methodical learning, there was nothing for it but to scratch their heads, use their imagination and experiment!

If even after that they had no idea, then it was down to pure chance!

And so it was, it would seem, by good fortune that an old master stumbled upon the secret of welding iron to steel successfully.

³ Caldear consiste no processo de ligação do ferro ao aço.

³ Welding is the process which mixes iron and steel.

Mestre Matias Mestre Pereira
aquecendo o ferro na forja
Matias Mestre Pereira heating
iron in the forge

Paulo Torrado

Fazendo via-sacra pelas oficinas dos ferreiros, ouvi o ‘Tum’, que é já octógenário, o ‘bicho’ anda na casa dos 70, e outros mais da arte. Do que me contaram – bocado aqui, bocado ali – consegui recompor a velha história.

A sua trama seria esta:

Em noite remota, passa uma tocata à porta do tal mestre que tinha o segredo de caldear. E o cantador, oficial do mesmo ofício, erguendo mais a voz, à porta do tal mestre assim teria cantado:

Salomão é rey dos sábios
Rei dos fortes é Sansão
Eu sou o rei dos ferreiros
Caldeio na ‘perfeição’

Ouvindo isto o mestre, teria murmurado:

- Farófiás!...

E logo acrescentando, orgulhoso, para a companheira a seu lado:

“Ou areia tinha à mão.

Ou o ferro caiu-lhe ao chão!”

Vem depois a tagarelisse da mulher, e – era duma vez um segredo!

Por castigo – dizem – o mestre ferreiro pôs a mulher a tocar os foles. É talvez daí que vem esta cantilena dialogada:

“Toca os foles Claudina!
Toco, toco, simsenhor.
Não resmungues Claudina!
Não resmungo, não senhor!”

(in: *As Idades do Ferro*, 1995: pp. 43)

Heading down to the blacksmith workshops, I talked to ‘Tum’, who is in his 80s, ‘Bicho’, in his 70s, and several others. From what they told me – a little bit here, a little bit there – I’ve been able to put the old story together.

The thread of the story is as follows:

One night many years ago, musicians had assembled outside the house of the master blacksmith who knew the secret of welding. And the singer, an employee at the same smithy, raising his voice even higher, sang the following:

“Solomon is the king of the wise
Samson the king of the strong
I am the king of the blacksmiths
For I can weld without putting a foot wrong”

On hearing this, the master mumbled:

- Nonsense!...

And immediately added, proudly, to the companion at his side:

“If he didn’t use sand.

The iron would fall from his hand!”

After a little idle chitchat from his wife, it was a secret no more!

By way of punishment – they say – the master blacksmith made his wife work the bellows. Perhaps that is where this little ditty comes from:

“Work the bellows, Claudina!
I shall, I shall, my lord.
Do not grumble, Claudina!
Not I, my lord!”

(From *As Idades do Ferro* (The Iron Ages), 1995, pp. 43)

A dimensão simbólica para o ‘segredo’ de caldear pode ser explicada sucintamente pelo facto desta ser considerada a operação mais importante na arte do ferro. Consiste em ligar entre si dois pedaços de ferro ou um pedaço de ferro e outro de aço. Para efectuar esta operação difícil, o ferreiro tem de dominar absolutamente o calor a imprimir na forja, que não pode ser excessivo nem deficitário, e que varia de acordo com a natureza e a composição do metal. Pode dizer-se que é pela perfeição com que o ferreiro executa esta operação que se pode avaliar a sua qualidade e competência. Mas este é um processo puramente empírico e intuitivo, como pode perceber-se nas palavras de António Soares da Palma: “para caldear dois bocados de ferro metem-se na forja. Depois quando o ferro está a começar a derreter dá-nos um sinal, manda umas estrelinhas, e sabemos que está pronto para caldear. Para segurar o líquido que está a derreter manda-se areia. Depois começa a dar o sinal com mais estrelinhas. Tira-se da forja e põe-se em cima da bigorna e malha-se.” Esclarece ainda Daniel Neves (56 anos), serralheiro civil: “O caso da areia, alguns dizem que se não levar areia não caldeia, a areia é só para quando uma peça tem mais temperatura para atrasar a outra e equilibrar a temperatura porque na areia não pega nada. A areia não é para pegar era só para fazer equilibrar as duas peças de metal para ficarem à mesma temperatura porque se elas não saírem à mesma temperatura não pegam.”

The symbolic dimension of the welding ‘secret’ may be briefly explained by the fact that it is considered the most important action in the art of working the iron. It consists of uniting two pieces of iron or a piece of iron and a piece of steel. To carry out this difficult action, the blacksmith must absolutely master the heat in the forge, which cannot be excessive nor deficient, and which varies according to the metal nature and composition. It is possible to say that the perfection with which the blacksmith carries out this action allows us to assess his quality and skill. But this is a purely empirical and intuitive process, as we can see through the words of António Soares da Palma: “to weld two pieces of iron, they are put in the forge. Then, when the iron starts to melt it gives us a sign, it sends little stars and we know it is ready to weld. To hold the liquid that is melting, we throw sand. Then comes the sign with more little stars. We take it out of the forge, put it over the anvil and start to strike the metal.” Daniel Neves (56 years old), a civil locksmith, adds: “With regard to the sand, some say that if you do not add sand it does not weld, the sand is only used when a piece has more temperature and you have to slow the other and balance the temperature because nothing sticks to the sand. The sand is not used to stick anything, it is used to balance both metal pieces so they have the same temperature because if they do not, they do not stick to each other.”

Presente em inúmeras cosmogonias, como já referido, o ferreiro representa, senão deus, a capacidade humana na intervenção e interacção com a natureza e com os seus processos criativos (na agricultura: precipitando e dominando o tempo de florescimento, crescimento e maturação das plantas).

Associado assim à produção de alfaia agrícola (que com a utilização do ferro conheceu importantes incrementos), o ferreiro permite, ainda que indirectamente, que os instrumentos que produz tomem significados indiscutíveis: como é o caso da foice e do arado que se tornaram símbolos de uma ordem social que teve alvor simultâneo com os metais. A foice assume uma imagem e assegura um papel simbólico fundamental, na medida em que se torna símbolo material da agricultura no seu período culminante: a colheita. Iconograficamente a foice adquire um estatuto de símbolo do trabalho braçal, humano, das massas – uma colheita fazia-se com muitos braços – dos assalariados rurais, e até, muito recentemente, como símbolo de uma classe, de um partido político, de uma bandeira, de uma ideologia, enquanto que o arado ou a charrua reservam o seu simbolismo ao lavrador e à sua riqueza (durante muito tempo, e até recentemente a riqueza de uma família era medida pelo número de arados que possuía), sendo inúmeras as suas representações em frontões de casas e de jazigos de famílias rurais influentes, sobretudo no Alentejo.

As it was already said, the blacksmith is present in countless cosmogonies, and he represents if not a god, the human ability in the intervention and interaction with nature and its creative processes (in agriculture: speeding and controlling the blooming, growing and maturing time of the plants).

Being linked to the manufacture of farm implements (which saw important developments with the use of iron), the blacksmith allows, although indirectly, the tools he makes to acquire unquestionable meanings: as is the case of the sickle and the plough, which became symbols of a social order which began at the same time as the metals. The sickle takes on an image and secures a fundamental, symbolic role, insofar as it becomes agriculture’s material symbol in its culminating period: the harvest time. Iconographically, the sickle becomes the symbol of manual work as well as of human work, masses work – a harvest is done with many arms – rural employees work and even very recently it becomes the symbol of a class, a political party, a flag, an ideology, while the plough saves its symbolism to the farmer and his wealth (for a long time, and until recently, the wealth of a family was measured by the number of ploughs it possessed), and there were countless representations in influential, rural family’s house pediments and tombs, especially in Alentejo.

Also the “blacksmith’s tools take part in the sacred aspect. The hammer, the bellows, the anvil prove to be animated and wonderful: one thinks they can work using their own magic and religious strength without the blacksmith’s help.” (Elíade: 24)

Também as “ferramentas do ferreiro participam igualmente na sacralidade. O martelo, o fole, a bigorna revelam-se animados e maravilhosos: julga-se poderem operar pela sua própria força mágico-religiosa, sem ajuda do ferreiro.” (Elíade: 24)

Assim, sobre as principais ferramentas utilizadas pelo ferreiro dizem Chevalier e Geerbrant: Bigorna: Em muitas sociedades, a bigorna representa o princípio feminino, o princípio passivo, por oposição ao ferreiro que, “tal como o raio, será o princípio activo e fecundante.” (Chevalier e Geerbrant, 1994.: pp. 121).

Fole: “O fole, pelo papel que desempenha e pelo seu ritmo, representa naturalmente a respiração: é um instrumento produtor de sopro, símbolo da vida, e em particular da vida espiritual.” (idem: pp. 334).

Forno: está associado ao princípio de transformação regeneradora. (idem: pp. 336-337).

Maço e Martelo: “são, sob certos aspectos, uma imagem do mal, da força bruta. Mas a contrapartida simbólica desta interpretação é a sua identificação com a actividade celeste, com a fabricação do raio. (...) Nalgumas sociedades, o martelo ritualmente forjado é eficaz contra o mal, contra os adversários, contra os assaltantes. O seu papel é o da protecção activa e mágica.” (idem: pp. 430).

A ferradura assume também um papel de destaque no universo das superstições mais comuns: encontrar uma ferradura ou um canelo (metade de uma ferradura) e pendurá-lo atrás da porta de casa traz sorte e protecção contra a inveja e o mau olhado.

Therefore, Chevalier and Gheerbrant talk about the main tools used by the blacksmith:

Anvil: In many societies, the anvil represents the feminine principle, the passive principle, as opposed to the blacksmith, who “like the flash of lightning will be the active and fertilizing principle.” (Chevalier and Gheerbrant, 1994: pp. 121)

Bellows: “For the role it plays and for its rhythm, the bellows naturally represents breathing: it is an instrument which produces a blow, symbol of life and especially of spiritual life.” (idem: pp. 334)

Oven: it is linked to the regenerating transformation principle. (idem: pp. 336-337)

Mallet and Hammer: “they are, under certain aspects, an image of evil, of brute force. But the symbolic counterpart of this interpretation is its identification with the celestial activity, with the making of the flash of lightning. (...) In some societies, the ritually forged hammer is effective against evil, against the enemies, against burglars. Its role is that of active and magic protection.” (idem: pp.430)

The horseshoe also takes on a prominent role in the universe of the most common superstitions: to find a horseshoe or a ‘canelo’ (half a horseshoe) and hang it behind the door at home, brings luck and protection against envy and the evil eye.



Pormenor da oficina de Matias Mestre Pereira, na aldeia do Pereiro
Detail of Matias Mestre Pereira's workshop in the village of Pereiro

Paulo Torrado

Por todos estes factos entendem-se as ambivalências simbólicas⁴ atribuídas ao ferro, sobretudo associado ao fogo, à prosperidade e à guerra, ao arado e à espada, à purificação, à danação, etc. O que é tão bem ilustrado nas palavras de António Sardinha, na ‘canção do ferro na forja’:

Canção de Tubalcain...
E eu não me canso de ouvi-la,
Pois nunca ouvi outra assim!

E o malho bate no ferro
-e o ferro quase o incendeia...
trechos dum velho poema
em cada forja de aldeia!

E o malho bate no ferro,
E o ferro fica soando...
É a voz que vem não sei donde,
Já escutei não sei quando!

Canção do malho batendo,
-canção do escudo e da espada...
canção da frecha inda rude,
irmã da lança lavrada!

E o ferro canta na forja
Canta a paixão dos metais...
Pode bem ser que se quebre,
Mas lá torcer-se, jamais!

Voltou o aço à bigorna,
Tornou-se a adaga charrua...
Ó ferro amigo da guerra,
Vê como a fome recua!

Canção do lume e da água
De mais idade que o mundo...
Cortar-lhe os anos que conta
Seria um poço sem fundo!

E oiço o malho batendo,
Batendo com amargura.
Talvez a enxada que forjo
Me venha a dar a sepultura.

Vulcano à boca da forja
Dando lições e conselhos...
Lembra-me um Deus o ferreiro,
Entre chispaços vermelhos.

Canção do ferro e do malho,
-canção de Tubalcain...
o fundador de cidades
desperta dentro de mim.

(in: *As Idades do Ferro*, 1995: pp. 77)

⁴ Também o simbolismo do próprio ferro é ambivalente: “o ferro protege contra as más influências, mas é também o seu instrumento; é o agente do princípio activo que modifica a substância inerte (arado, cinzel, faca), mas é também o instrumento satânico da guerra e da morte.” (Chevalier e Geerbrant, 1994: pp. 321).

For all of these facts, it is possible to understand the symbolic ambivalences⁴ attached to iron, especially those linked to fire, prosperity and war, plough and sword, purification, damnation, etc. This is well illustrated in the words of António Sardinha, in ‘canção do ferro na forja’:

The song of Tubalcain...
I never tire of hearing,
As I’ve never heard another similar!

And the hammer strikes the iron
- and the iron almost catches light...
extracts of an old poem
in every village forge!

And the hammer strikes the iron,
And the iron chimes...
It is a sound that comes from elsewhere,
I’ve heard it in some other climes!

Song of the striking hammer,
- song of the shield and the sword...
song of the arrow yet unpolished,
sister of the wrought spear!

And the iron sings on the forge,
It sings the passion of the metals...
It may well be broken,
But twisted it will never be!

The steel returned to the anvil,
The sword turned into plough...
Oh iron, war’s close ally,
See how hunger retreats!

Song of fire and water
Older than the world...
Take away the years that pass
a bottomless well it would be!

Now listen to the striking hammer,
striking with all bitterness.
Perhaps the spade that I forge
Will dig my own grave.

Vulcan at the mouth of the forge
Giving lessons and advice...
The blacksmith looks like a god,
Amid the sparks of red.

Song of iron and the hammer,
- song of Tubalcain...
the founder of cities
awakens within me.

(From *As Idades do Ferro* (The Iron Ages),
1995, pp. 77)

⁴ The symbolism of iron itself is also ambivalent: “iron protects against bad influences, but it is also its instrument; it is the agent of the active principle which changes the inert substance (plough, chisel, knife), but it is also the satanic instrument of war and death.” (Chevalier and Geerbrant, 1994: pp. 321)

NORDESTE ALGARVIO

NORTH-EASTERN ALGARVE

O TERRITÓRIO E O DESENVOLVIMENTO DA METALURGIA

TERRITORY AND THE DEVELOPMENT OF METALLURGY

Portugal encontra-se no ponto de confluência dos dois tipos climáticos característicos das regiões banhadas pelo Atlântico e pelo Mediterrâneo. Sofrendo esta dupla influência, o país, enquanto unidade, caracteriza-se por particularidades geográficas contrastantes significativas, que determinam, quer características paisagísticas, quer condições sócio-económicas distintas, especialmente entre as terras do Norte e as do Sul⁵.

Portugal is in the meeting point of two characteristic climate types of the regions close to the Atlantic and the Mediterranean. Under this double influence, the country as a unit is characterized by significant and contrasting geographic singularities which determine both landscape characteristics and distinct social and economic conditions, especially between North and South⁵.

⁵ Esta diversidade (de que resulta uma divisão do país em Portugal atlântico – correspondente ao NO do território; Portugal transmontano – correspondente ao NE e Portugal mediterrânico – todo o Sul abaixo do Tejo) é testemunhada nos diversos estudos que Orlando Ribeiro realizou. Evidentemente que esta divisão não tem contornos tão rígidos que precisem exactamente a definição destas áreas, existindo zonas híbridas onde se confundem e misturam as características das diferentes zonas assim definidas.

⁵ This diversity (from which results a division of the country into Atlantic Portugal – corresponding to the Northwest; Portugal of Trás-os-Montes – corresponding to the North-East and Mediterranean Portugal – the whole South below Tejo) is witnessed in the several studies carried out by Orlando Ribeiro. This division does not have such rigid contours which exactly clarify these areas' definition, and there are hybrid areas where the characteristics of the different regions thus defined get blended and mixed.

Assim, pertença do mundo e da “cultura mediterrânea, Portugal, como bem o demonstrou Orlando Ribeiro, é também uma terra atlântica. Civilização do granito e do barro, norte-sul, caminhos do litoral e do interior, planaltos das terras altas e planícies das terras baixas formam uma estrutura complexa, que marca a diferença das regiões, dos saberes e dos fazeres agro-pastoris” (Afonso, 1995: 146).

Integrado no Portugal mediterrâneo⁶, o Concelho de Alcoutim, toma as características do Nordeste Algarvio que sob o ponto de vista climático se evidencia por um clima quente e seco, por uma fraca pluviosidade anual, por um Verão longo e quente e um Inverno, geralmente, suave e curto. Sob o ponto de vista paisagístico caracteriza-se por uma paisagem acidentada, pontuada por elevações arredondadas e uma rede hidrográfica densa, constituída por muitos cursos de água temporários.

Therefore, belonging to the world and to the “Mediterranean culture, Portugal, as shown by Orlando Ribeiro, is also an Atlantic land. Granite and clay, north and south, coastal and interior paths, highlands’ plateau and lowlands’ plains form a complex structure which distinguishes the areas of the agro-pastoral knowledge and ways of doing things.” (Afonso, 1995: 146)

Being part of the Mediterranean Portugal⁶, Alcoutim has the characteristics of the North-eastern Algarve, whose climate is warm and dry, with weak annual rainfall, a long and warm summer and a usually short and mild winter. The landscape is irregular, punctuated by roundish hills and a dense hydrographic network, composed of many temporary water courses.

According to the typical flora of the whole Mediterranean Portugal, the spontaneous vegetation which dominates the landscape essentially consists of Mediterranean arboreous and shrubby species: cork-oak, holm-oak, wild olive tree, olive-tree, strawberry tree, gum rockrose, French lavender, rosemary, *Schinus terebinthifolius*, etc. Besides these autochthonous species, the landscape is also punctuated by the presence of pine forest spots resulting from recent reforestation strategies.

⁶ O Portugal mediterrâneo caracteriza-se como uma unidade pouco homogénea, “compreendendo três grandes complexos regionais, nitidamente demarcados: o Ribatejo (...); o Alentejo, em que se distingue o Baixo e o Alto-Alentejo.” (Oliveira, 1995: 12) e finalmente o Algarve.

⁶ Mediterranean Portugal is characterized as a unity that is not much homogeneous, “comprising three big and clearly delimited, regional complexes: Ribatejo (...); Alentejo, in which are included Baixo and Alto Alentejo.” (Oliveira, 1995: 12) and finally the Algarve.

De acordo com a flora característica de todo o Portugal mediterrâneo, a vegetação espontânea que domina a paisagem compõe-se essencialmente de espécies arbóreas e arbustivas mediterrâneas: o sobreiro, a azinheira, o zambujeiro, a oliveira, o medronheiro, a esteva, o rosmaninho, o alecrim, a aroeira, etc. Além destas espécies autóctones, a paisagem também é pontuada pela presença de manchas de pinhal, resultantes de estratégias de reflorestamento recentes.

Segundo Victoria Cassinelo, geologicamente, o território assenta, na parte meridional do Maciço Ibérico, mais rigorosamente, na Faixa Piritosa da Cintura Hispano-Portuguesa. A rede hidrográfica pertence à bacia do rio Guadiana, única rede com regime permanente, que corre praticamente do Norte a Sul e é fronteira fluvial entre os Países Ibéricos. Esta zona é bastante homogénea quanto às suas características geológicas, estando marcada por um conjunto de xistos e grauvaques, o que dá origem a solos muito finos e pouco férteis. No entanto, apesar da pobreza geral dos solos, as margens do Guadiana e dos seus afluentes são terras férteis. As ribeiras do Vascão, Cadavais, Foupana e Odeleite são, por sua vez, subsidiárias numerosos cursos de água que, apesar de estarem secos a maior parte do ano, são igualmente férteis e explorados. Há ainda a salientar a grande riqueza mineral da região, um factor determinante na ocupação humana do território e do seu desenvolvimento económico, como se verá adiante.

According to Victoria Cassinelo, at a geologic level, the territory stands on the southern part of the Iberian Massif, more rigorously on the Pyrite Belt of the Spanish-Portuguese Pyrite Belt. The hydrographic network belongs to the basin of river Guadiana, the only network with permanent system which practically runs from North to South and is also a fluvial border between the Iberian countries. This area is quite homogeneous regarding its geologic characteristics and it has an ensemble of schist and greywacke, which causes very thin and less rich soils. However, despite the general poverty of the soils, the banks of river Guadiana and its affluents are fertile lands. The small rivers Vascão, Cadavais, Foupana and Odeleite are subsidiaries of many water courses which, despite being dry most of the year, are equally fertile and explored. It is also important to put in relief the great mineral abundance of the region, a decisive factor in the human occupation of the territory and in its economic development, as we will see later on.

The landscape, changed by man throughout the centuries and which replaced the natural forest of the region by agricultural soils and cattle pastures, resulted in the almost absence of vegetation and in soils destroyed by erosion. In the first half of the 20th century, the main cause for this erosion may have been the wheat plantations and later the fires and the rain.

A paisagem, alterada pelo Homem ao longo de séculos, que substituiu a floresta natural da zona por terrenos agrícolas e pastagens para gado, resultou na quase ausência de vegetação e em solos destruídos pela erosão. A principal causa para esta erosão pode atribuir-se, na primeira metade do século XX, às campanhas do trigo e, posteriormente, à acção dos incêndios e das chuvas.

A agricultura praticada no concelho de Alcoutim, onde predomina a pequena propriedade, é sobretudo, de subsistência, destacando-se as culturas de sequeiro: amendoeira, alfarrobeira, oliveira, grão-de-bico, trigo, aveia, cevada e centeio. Para além destas culturas, há que referir a produção, também a nível de subsistência de vários produtos hortícolas.

O Concelho de Alcoutim apresenta vestígios humanos, de comunidades itinerantes de pastores-agricultores, que remontam a 4000 a.C. Faz parte de uma importante área metalogenética, onde os jazigos da Faixa Piritosa Ibérica constituíram, ao longo do tempo, para as comunidades locais, uma importante fonte de cobre, antimónio e manganês. Existem abundantes vestígios arqueo-metalúrgicos que documentam a presença, na região, de trabalhos extractivos e metalúrgicos desde tempos pré-históricos (2500 a.C.). (cf. Gonçalves, 1989)⁷

The agriculture performed in Alcoutim, where the small property prevails, is mainly subsistence farming, highlighting the dry crops: almond-tree, carob-tree, olive-tree, chick-peas, wheat, oats, barley and rye. In addition to these crops, and at a subsistence level, it is also important refer the production of several horticultural products.

Alcoutim presents human traces of shepherd-farmer itinerant communities which date back to 4000 BC. It is part of an important metallogenetic area, where throughout the times the deposits of the Iberian Pyrite Belt were an important source of copper, antimony and manganese for the local communities. There are plenty of archaeo-metallurgical traces which prove the presence of extractive and metallurgical works in the region since prehistoric times (2500 BC) (cf. Gonçalves, 1989)⁷

According to Victoria Cassinello, the existence of ancient forges may be documented from a type of slag on the surface, where the mineral must have been melted with very primitive techniques for the civilizations which occupied the territory.

Especially from the Roman colonization, the river Guadiana, navigable and with river harbours, was an important commercial path, encouraging both mining and agricultural activity in the region. These activities were intensified and continued during the Islamic occupation.

After the Algarve's Reconquista, there were processes of agricultural colonization under the instructions of the military orders and the King Denis of Portugal granted the charter to Alcoutim in 1304.

Reconstituição de machados
pré-históricos em cobre
Reconstitution of copper
prehistoric axes

Paulo Torrado



⁷ Numa breve retrospectiva daquilo que tem sido a investigação arqueológica sobre a Idade do Ferro no Nordeste Algarvio, e segundo informação actualmente disponível, afirma Victoria Cassinello que pode provar-se pela existência de lápides funerárias epigrafadas com escrita do Sudoeste (vascão, Alcoutim) e sepulturas desta época (C. Beirão, 1986) a existência de uma civilização detentora de escrita, indicadora de prováveis povoadores que continuariam a praticar a exploração mineira e metalúrgica. No actual território do Nordeste Algarvio, conhece-se igualmente o aglomerado urbano fortificado de Castro Marim onde, através de numerosas campanhas de intervenção arqueológica, Ana Arruda identificou uma longa diacronia de ocupação que vai desde o Bronze Final, Idade do Ferro, até ao Período Romano. (Arruda, 2010). Em relação à actividade mineira e metalúrgica na Fortaleza Islâmica de Alcoutim, os resultados obtidos por Helena Catarino nas escavações mais recentes desta fortificação (campanha de 2003), permitiram a identificação de uma área com estruturas de fundição e restos de redução de mineral, de onde se recolheram abundantes fragmentos de escórias (Catarino, 1998 e 2010).

⁷ In a brief retrospective of what has been the archaeological research on the Iron Age in North-eastern Algarve, and according to information that is now available, Victoria Cassinello says that the existence of epigraph tombstones with south-western writing (Vascão, Alcoutim) and of graves dating from this time (C. Beirão, 1986) can prove the existence of a civilization holder of writing and which indicated that probable settlers would still practice mining and metallurgical exploration. In the present north-eastern territory of the Algarve, the fortified urban agglomeration of Castro Marim is equally known through countless campaigns of archaeological intervention where Ana Arruda identified a long occupation diachrony which goes from the end of the Bronze Age, through the Iron Age to the Roman Period. (Arruda, 2010) With regards to mining and metallurgical activity in the Islamic Fortress in Alcoutim, the results obtained by Helena Catarino in the most recent excavations (2003 campaign) allowed the identification of an area with foundry structures and ruins of mineral reduction, from where many fragments of slag. (Catarino, 1998 and 2010)

Segundo Victoria Cassinello, a existência de forjas ancestrais pode ser documentada a partir de um tipo de escórias que se encontram à superfície, onde o mineral deve ter sido fundido com técnicas muito primitivas, pelas sucessivas civilizações que passaram pelo território. O Guadiana, navegável e com portos fluviais foi, sobretudo a partir da colonização romana, uma importante via comercial, fomentando quer a actividade mineira, quer a actividade agrícola da região. Actividades que foram reforçadas e continuadas durante a ocupação islâmica.

Depois da reconquista do Algarve iniciaram-se os processos de colonização agrícola, sob a direcção das ordens militares, sendo concedido foral a Alcoutim em 1304, por D. Dinis. Acompanhando a Revolução Industrial, desde finais do século XVII e inícios do século XIX, verificou-se um surto de desenvolvimento da indústria mineira nas numerosas minas existentes ao longo do rio Guadiana. Inicialmente a Inglaterra e mais tarde a Bélgica, França e Alemanha fizeram um forte investimento na indústria extractiva mineira do Nordeste Algarvio.

De destacar a criação da Sociedade Mineira de Santa Bárbara⁸ que obteve diploma legal da mina de manganês do Cerro do Seixo Branco, em portaria de 4 de Outubro de 1901. No ano seguinte, D. Carlos concede alvará para a exploração da mina, conferindo por tempo ilimitado a propriedade da mesma, correspondendo a uma área de 50 hectare.

Following the Industrial Revolution, since the end of the 17th century and the beginning of the 19th century, there was a development boom of the mining industry in the numerous mines along river Guadiana. First England, then Belgium, France and Germany made a strong investment in the extractive mining industry in the north-eastern Algarve.

It is important to point out the creation of Sociedade Mineira de Santa Bárbara⁸ (a mining society), which got the legal diploma of the manganese mine in Cerro do Seixo Branco by decree on October 4, 1901. The following year, Charles I of Portugal issued a permit for the exploration of the mine, granting its property for an unlimited period of time, corresponding to an area of 50 hectares.

In the last half of the 20th century, especially in the last quarter, the strong loss of mining exploration, the difficult practice of agriculture due to the poverty of the soil and the loss of importance of the river Guadiana as a way of transport making the coastal region more distant led Alcoutim to a long period of economic stagnation and depopulation, resulting in the decline and almost extinction of the blacksmith's trade.

⁸ Segundo a iconografia cristã, Santa Bárbara é protectora de mineiros e metalúrgicos.

⁸ According to the Christian iconography, St. Barbara is the protector of the miners and metallurgists.

Já na última metade do séc. XX e, sobretudo, no último quartel, com a quebra acentuada da exploração mineira, uma agricultura tornada difícil pela pobreza dos solos, com a perda de importância do Guadiana como via de transporte, tornando mais distante o litoral, conduziram Alcoutim a um longo período de estagnação económica e de despovoamento, tendo como consequência directa, o declínio e quase extinção do ofício de ferreiro.



FERREIROS EM ALCOUTIM

BLACKSMITHS IN ALCOUTIM

Segundo documentação camarária compilada por José Varzeano⁹, em meados do século XIX, ferreiros e ferradores estavam entre os ofícios para os quais existia nomeação periódica de juiz de ofício, a quem competia avaliar a aptidão profissional, atribuindo-lhe carta profissional.

According to municipal documents compiled by José Varzeano⁹, in the middle of the 19th century, blacksmiths and farriers were among the trades for which there was a periodic nomination by a trade judge, whose function was to assess professional ability, granting a professional certificate.

In 1841, the register of the examination letter of the blacksmith Joaquim José, from the village of Vaqueiros, said the following: “To the candidate, after being examined by the trade judge and thinking himself to be skilful and having the necessary ability to the fulfilment of his job, receives the examination letter, which he will be able to use in the entire ‘Kingdom of Portugal and of the Algarve’. The Town Hall inspectors cannot fine the blacksmiths for not having an annual permit, as the certificate serves as a perpetual permit, with which they will present themselves when needed.”

It was also part of the Town Hall’s duty to grant permits for the fulfilment of the trades. Therefore, as it is stated in the minutes of Alcoutim’s Town Hall meeting on April 21, 1842: “The Town Hall, looking after the true fulfilment of its municipal bylaws, decided that the individuals who perform the trades of (...) blacksmith (...) without a permit, get their permits until the end of June lasting until the end of the present year. Then they will have to renew those permits each January and according to the municipal bylaw. Those who do not act this way will pay a 500 réis fine every time they are caught working without the respective permit.” (Varzeano, 2009)

⁹ Fonte: Blogue Alcoutim Livre, publicado por José Varzeano, 2009

⁹ Source: Blog Alcoutim Livre, posted by José Varzeano, 2009

Consta no registo da carta de examinação do ferreiro Joaquim José, da aldeia de Vaqueiros, em 1841 que: “Ao candidato, depois de examinado pelo Juiz do Ofício e achando-se hábil e com a necessária aptidão para o seu desempenho, é-lhe passada a competente carta de examinação, a aquela poderá usar em todas as terras do ‘Reino de Portugal e Algarves’, devendo os zeladores da Câmara não lhes porem coima alguma por não tirar licença anual, servindo a carta de licença perpétua, com a qual se apresentarão quando for determinado.” Também era então competência da Câmara a atribuição de licenças para o desempenho dos ofícios. Assim, expresso em Acta da Sessão da Câmara Municipal de Alcoutim de 21 de Abril de 1842: “A Câmara, velando pelo fiel cumprimento das suas Posturas, determinou que os indivíduos que exercerem os ofícios de (...) ferreiro (...) sem estarem encartados, tirem as suas licenças até ao fim do mês de Junho pelo tempo que decorrer até ao fim do corrente ano, tirando-as depois em conformidade com a Postura, em Janeiro de cada ano. O que assim não proceder, pagará multa de 500 réis sempre que for encontrado a trabalhar no ofício sem estar munido da respectiva licença.” (Varzeano, 2009)

Estas determinações regulamentares camarárias atestam a importância do ofício de ferreiro na comunidade alcoutinense de então e, por elas, pode constatar-se que este ofício teve grande relevância em todas as freguesias do concelho, até meados do século XX.

Assim, consta no Livro de Receitas e Despesas da Real Confraria de Nossa Senhora da Conceição que: “Em 1799, Manuel Dias, ferreiro em Giões, fez a cruz de ferro forjado para a Capela de N^a S^a da Conceição, na vila, pela qual recebeu cinco mil réis.”

Segundo o mesmo autor “em 1819, António Rodrigues, de Giões, obtém a carta de ferreiro e serralheiro, em Tavira, junto do Juiz de Fora e Presidente do Senado, Dr. Bernardo José Vieira Mota.

Sabemos que em 1853 exercia a actividade nesta aldeia um António Rodrigues que poderá tratar-se da mesma pessoa.

These municipal regulation decisions confirm the importance of the blacksmith trade in the community of Alcoutim at that time and it is possible to notice that this trade had a great relevance in every parish of the municipality until the middle of the 20th century.

Therefore, Livro de Receitas e Despesas da Real Confraria de Nossa Senhora da Conceição (Book of Receipts and Expenditures of the Royal Society of Our Lady of Conception) says the following: “In 1799, Manuel Dias, blacksmith in Giões, made the forged iron cross for Capela de N^a S^a da Conceição (Chapel of Our Lady of Conception) in the village and for which he received 5000 réis.”

According to the same author, “in 1819, António Rodrigues, from Giões, gets the permit of blacksmith and locksmith in Tavira, by the itinerant judge and President of the Senate Bernardo José Vieira Mota.

Identificámos também na mesma aldeia, Lourenço Rodrigues Júnior cuja carta foi obtida em 20 de Outubro de 1841.

A freguesia de Martim Longo foi um centro importante de ferrajaria. O mestre ferreiro José Henriques, que tirou a sua carta de ofício, prestando provas em 5 de Dezembro de 1842, António Fernando de Campos que obteve a sua em 28 de Janeiro do ano seguinte, António Marques (1844.09.07) e António Rodrigues Júnior (1849.02.01) foram outros mestres ferreiros que localizámos como trabalhando naquela freguesia.

O lugar de Juiz do Ofício de ferreiro era desempenhado em 1843 por José Manuel, da aldeia de Vaqueiros, havendo pelo menos mais outro, José Joaquim, trabalhando naquela aldeia serrana.

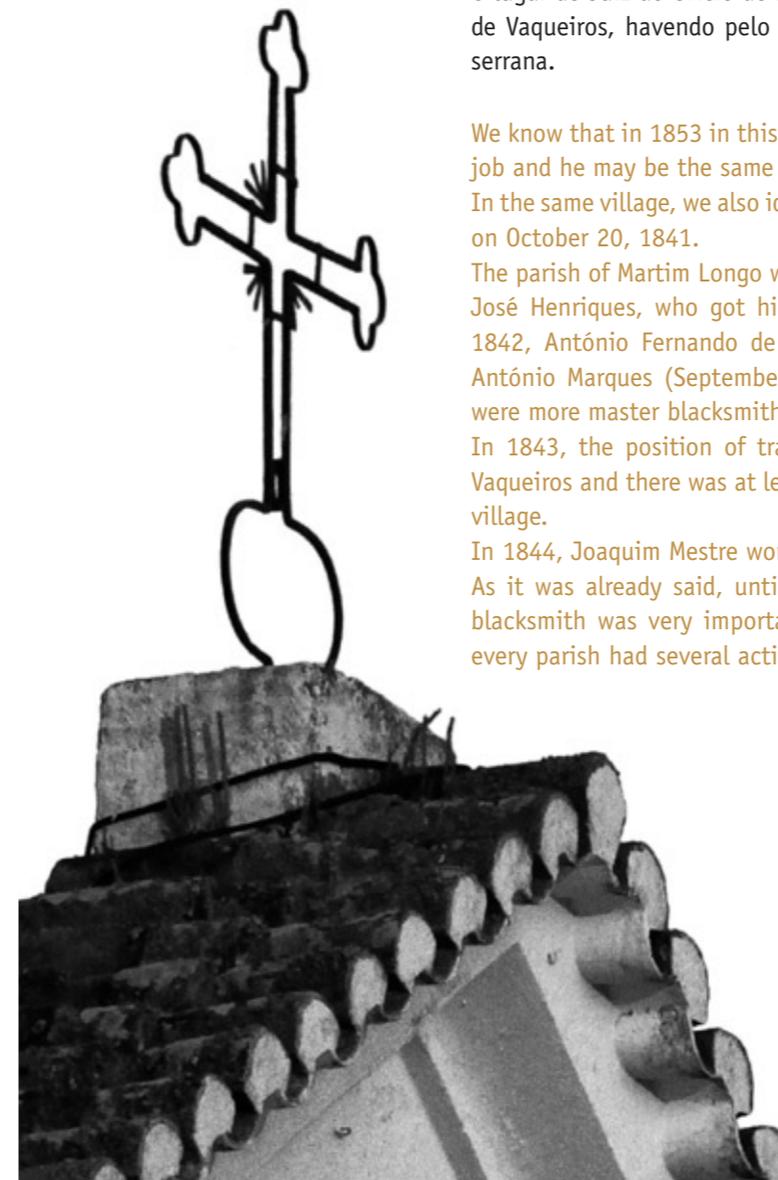
We know that in 1853 in this village there was a man called António Rodrigues who had this job and he may be the same person.

In the same village, we also identified Lourenço Rodrigues Júnior, whose permit was obtained on October 20, 1841.

The parish of Martim Longo was an important centre of ironmongery. The master blacksmith José Henriques, who got his professional certificate by rendering proof on December 5, 1842, António Fernando de Campos, who got his on January 28 of the following year, António Marques (September 7, 1844) and António Rodrigues Júnior (February 1, 1849) were more master blacksmiths who worked in that parish that we were able to track down. In 1843, the position of trade judge was occupied by José Manuel, from the village of Vaqueiros and there was at least another judge, José Joaquim, working in that mountainous village.

In 1844, Joaquim Mestre worked in the village of Pereiro.” (Varzeano, 2009)

As it was already said, until the middle of the 20th century in Alcoutim, the trade of a blacksmith was very important. For its own profit and because agriculture demanded it, every parish had several active workshops.



Pormenor da Igreja Matriz de Pereiro
Detail of Pereiro's Parish Church
Paulo Torrado

Em 1844 exercia a sua actividade na aldeia do Pereiro, Joaquim Mestre.” (Varzeano, 2009) Até meados do século XX, o ofício de ferreiro teve, no Concelho de Alcoutim, como já se disse, uma grande expressão. Todas as freguesias tinham, para seu próprio proveito, e porque, essencialmente, o trabalho na agricultura assim o exigia, várias oficinas em laboração.

De salientar a existência, na vila de Alcoutim de uma fábrica de foices (J. Rosário & Castellejos). Esta fábrica, ao contrário da maioria das pequenas oficinas que existiam nas aldeias, tinha uma grande produção, vendendo o seu produto em todo o Algarve, Alto e Baixo Alentejo. Segundo Gaspar Santos, as foices ali fabricadas “tinham uma qualidade e um preço competitivos resultantes de toda a foice (corpo e corte) ser uma só peça”¹⁰ não sendo necessário proceder à fase de caldeamento, o que abreviava e facilitava o processo de fabrico.

Nesta fábrica executavam-se “por encomenda outros trabalhos, nomeadamente peças simples de ferro forjado como camas, ferros náuticos (âncoras), até peças mais delicadas para substituição de outras avariadas em espingardas de caça, instrumentos para cortar carne e, inclusive, as peças de corte de ferro das suas guilhotinas e tesouras que exigiam temperas especiais. Faziam a manutenção do antigo relógio (já substituído) que dava horas com badaladas no sino da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, relógio aliás que tinha sido concebido por um ferreiro do concelho.” (Santos, 2009)

It is important to refer that in Alcoutim there was a sickle factory (J. Rosário & Castellejos). Unlike most small workshops which existed in the villages, this factory had a great production, selling most of its products in all the Algarve, as well as in Alto and Baixo Alentejo. According to Gaspar Santos, the sickles that were manufactured “had great quality and competitive prices resulting from the fact that the entire sickle was only one piece”¹⁰, not being necessary to weld them, which shortened and made the manufacture process easier.

In this factory “it was possible to order other works, namely simple pieces made of forged iron from beds and anchors to more delicate pieces which replaced the broken ones such as shotguns, instruments to cut meat and inclusively iron cutting pieces used in guillotines or scissors which required special quenching. It also did the maintenance of the old clock which struck the hour with strokes of the bell of Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Church of Our Lady of Conception) and which had been designed by a blacksmith from the municipality.” (Santos, 2009)

¹⁰ Fonte: Blog Alcoutim Livre, publicado por Gaspar Santos, 2009

¹⁰ Source: Blog Alcoutim Livre, posted by Gaspar Santos, 2009

GEOGRAFIA DE UM OFÍCIO GEOGRAPHY OF A TRADE



Na primeira metade do século XX, quando o ofício de ferreiro ainda tinha importância no Concelho de Alcoutim, coexistiam inúmeras oficinas onde trabalhavam: in the first half of the 20th century, when blacksmithing was still important in Alcoutim, there coexisted countless workshops where the following people worked:

- Daniel Neves
- Sebastião Mendes e Manuel Sebastião (pai e filho father and son)
- Alitio Mendes e António Mendes (irmãos brothers)
- António Guerreiro Soares (pai father), Elisiário Guerreiro Soares, Agostinho Guerreiro Soares e António Guerreiro Soares (filhos sons). Estes eram também ferradores They were also farriers.
- António Barão Júnior
- Miguel do Vale e Joaquim do Vale (pai e filho father and son)
- Francisco Romba e Matias Pereira*, também ferradores also farriers.
- Elisiário Soares e António da Palma Soares (pai e filho father and son), também ferradores also farriers.
- José Gomes
- Joaquim Mestre Teixeira, também ferrador also farrier.
- * Francisco Romba legou a sua oficina e respectivas ferramentas a Matias Pereira que mantém ainda hoje actividade, em oficina própria, sobretudo como ferrador. Francisco Romba left his workshop and respective tools to Matias Pereira, who still works in his own workshop, especially as a farrier.
- Joaquim do Rosário e António do Rosário (irmãos brothers)
- José Sebastião; Aguiel e Manuel Faustino (1 oficina 1 workshop)
- Manuel Rodrigues Ferrador; Manuel Rodrigues e Ricardo Rodrigues (pai e filhos father and sons)

O FERREIRO E O MUNDO RURAL

THE BLACKSMITH AND THE RURAL WORLD

Remetendo para o contexto da realidade sócio-económico do Nordeste Algarvio, e do mundo rural, em geral, o ofício de ferreiro é, normalmente, legado de pais para filhos. Segundo António Soares da Palma, antigo ferreiro, (76 anos) seriam poucos os “indivíduos de fora que vinham aprender o ofício”. Mas, muito mais do que uma herança familiar, trata-se também de uma importante herança social, sendo o ofício de ferreiro outrora considerado essencial e de grande prestígio, sem o qual o ciclo agrícola não se completaria.

Referring to the social and economic reality context of the north-eastern Algarve and of the rural world in general, the trade of a blacksmith is usually passed on from parents to their children. According to António Soares da Palma, a former blacksmith (76 years old), there were not “many individuals who came from other places to learn the trade”. But, more than a family legacy, it is also an important social legacy. In the past, the trade of a blacksmith was formerly considered essential and of great prestige, without which the agricultural cycle would not be completed.

It is believed that the blacksmith acquired magic characteristics and Herculean strength by associating with the mastery of alchemy due to the reference to all the elements which interfere with his activity (Fire, Air, Earth and Water) and with the symbolic dimension he acquired throughout the centuries. In a stereotyped dimension, the blacksmith is characterized as a rough person endowed with an exceptional physical resistance due to his working conditions. These characteristics, combined with those which naturally belong to iron are frequently used as metaphors (of strength, robustness, etc.) of which there are many different examples¹¹. However, in a close reality, and leaving this stereotyped dimension, the universal character of the blacksmith in the rural world presents him as a socially known and respected person, imposing itself by the characteristics of his work which implicate strength, the control of fire and audacity. He is thus a strong, heroic, generous and popular man.

From his clothes, the one which stands out is the sheepskin apron with a bib, loops, a leather strap and a buckle in the waist. This apron's function was to protect the blacksmith's body from the heat of the forge and from possible burns.

Associando-se ao domínio da alquimia, pela referência a todos os elementos com que a sua actividade interfere (Fogo, Ar, Terra e Água), e ainda à dimensão simbólica que ao longo de séculos ganhou, imagina-se que o ferreiro tenha adquirido características mágicas e força hercúlea. Assim e numa dimensão estereotipada, o ferreiro caracteriza-se como uma pessoa de temperamento rude e dotada de uma resistência física excepcional face às suas condições de trabalho. Estas características, conjugadas com aquelas que são naturais ao ferro são frequentemente utilizadas como metáforas (de força, robustez, etc.) de que se encontram os mais diversos exemplos¹¹. Contudo, numa realidade próxima, e saindo desta dimensão estereotipada, o carácter universal do ferreiro, no mundo rural, apresenta-o como uma pessoa socialmente reconhecida e considerada, impondo-se pelas características do seu trabalho que implicam força, controlo do fogo e audácia. É assim um homem forte, heróico, popular e generoso.

Na sua indumentária sobressai o avental de carneira, com peitilho e presilhas e preso à cintura por correia e fivela. Este avental tinha por função proteger o seu corpo do calor da forja e de eventuais queimaduras.

¹¹ De um universo enorme de referências apresentam-se alguns exemplos que ilustram as metáforas mais recorrentes: *Quando o ferro está acudido, então deve ser batido* – quando algum negócio está em bom andamento deve-se levá-lo activamente adiante;

Chaga aberta no coração com um ferro em brasa – aquilo que atormenta, que castiga;

Quem com ferros mata, com ferros morre – aquilo que alguém faz contra outro acontecer-lhe-á também;

A ferro e fogo – destruição com armas e fogo;

Malhar em ferro frio – fazer algo inútil

A ferros – com grande dificuldade;

Forjar é sinónimo de criar, realizar...

No sentido físico ferro é sinónimo de rigeza, força, saúde, vigor, poder, duração, indestrutibilidade, etc., de que são testemunhos expressões como: saúde de ferro;

No sentido moral ferro é sinónimo de: dureza de sentimentos e de carácter, inflexibilidade, rigor, impiedade, despotismo, raiva, ódio, inveja, etc., de que são testemunhos expressões como: coração de ferro, vontade de ferro e ter ferro.

¹¹ From an enormous range of references, below are some examples that illustrate the most recurring metaphors:

– strike while the iron is hot – when a business is running successfully, it must be moved forward actively;

Chaga aberta no coração com um ferro em brasa – something that is a source of vexation and censure;

Quem com ferros mata, com ferros morre – what goes around, comes around;

A ferro e fogo – destruction by fire and weapons;

Malhar em ferro frio – to do something that has no purpose;

A ferros – with great difficulty;

“To forge” something is synonymous with creating or making something.

In the physical sense, iron is synonymous with rigidity, strength, health, vigour, power, endurance, indestructibility, etc., which is suggested by the following expression: “iron health”.

In the moral sense, iron is synonymous with: hardness of sentiment and character, inflexibility, sternness, impiety, despotism, rage, hatred, envy, etc., which is suggested by the following expressions: “iron-hearted”, “iron will” and “made of iron”.

MEDICINA POPULAR POPULAR MEDICINE

Constata-se ainda, associado à figura do ferreiro, a existência de um universo de conotações pouco prováveis: por exemplo no tratamento de várias doenças em pessoas e em animais. Ideia corroborada por alguns testemunhos recolhidos que dão conta de como era hábito as pessoas acorrerem à forja, ao invés de acorrerem ao consultório médico para tratar anemia, ingerindo água férrea preparada pelo ferreiro que então colocava num recipiente com água um ferro em brasa; tosse convulsa, aspirando os fumos libertados pelo carvão de pedra; e zona, por esfregar a pele afectada com óleo de trigo, obtido mediante o aquecimento de grãos de cereal com um ferro em brasa.

Associated with the figure of the blacksmith, it is still possible to notice the existence of a universe of less likely connotations: for example in the treatment of several diseases in people and in animals. This idea is confirmed by some collected statements which say that people had the habit of going to the forge instead of going to the doctor to treat anaemia by drinking chalybeate water prepared by the blacksmith who placed the red-hot iron in a container with water; he also treated whooping cough, by making people inhale the smoke released by anthracite coal, and shingles, by rubbing the affected skin with wheat oil, obtained by means of heating grains of cereal with a red-hot iron.

If nowadays the resort to the doctor is generalized, the same thing did not happen in the rural societies of the past, where the sharing between the ‘traditional’ and the modern occurs due to the fact that there is a symbolic logic turned into traditional ideas which structures and gives a meaning to the experience, so very often, the ultimate causes of the diseases and respective treatments were provided by traditional culture and not by conventional medicine. Very often, the doctors themselves advised their patients to go to the blacksmith, thus legitimizing their ‘power’. However, not going into the dark quackery domains, and being right that the boundary between popular medicine and magic practices is still very tenuous, the blacksmith confessed to be an “amateur” or according to António Soares da Palma: “The blacksmith had a little bit of a healer. In addition to his art, the blacksmith was also a healer. We cannot let those guys end.”

Se na actualidade, o recurso ao médico está muito generalizado, o mesmo não acontecia nas sociedades rurais do passado, onde a partilha entre o ‘tradicional’ e o moderno decorre do facto de que existe uma lógica simbólica, traduzida em ideias tradicionais que dá sentido e estrutura à experiência, pelo que, muitas vezes, as causas últimas das doenças e respectivos tratamentos eram fornecidas pela cultura tradicional e não pela medicina convencional. Era mesmo recorrente serem os próprios médicos a aconselharem os seus pacientes a procurarem o ferreiro, legitimando assim o seu ‘poder’. Não entrando, porém, em domínios obscuros de curandice, sendo certo que a fronteira entre medicina popular e práticas mágicas é ainda muito tênue, o ferreiro assumia-se assim como um ‘curioso’ ou como diz António Soares da Palma: “O ferreiro tinha também um pouco de curandeiro. O ferreiro além da sua arte ainda era curandeiro. É preciso não deixar extinguir essa malta.”



António Soares da Palma
a trabalhar na forja
António Soares da Palma
working in the forge
Nerve, Atelier de Design

FERREIROS, FERRADORES E ALVITARES BLACKSMITHS, FARRIERS AND ALVITARES

O mesmo poderá ser dito relativamente ao exercício de funções veterinárias por alguns ferreiros (quando acumulavam a função de ferrador) e por muitos ferradores. Era comum recorrer-se a estes profissionais para resolver os problemas de saúde dos animais. Neste caso, existia mesmo um certo estatuto social/profissional reconhecido: *Alvitar*, ou seja, veterinário sem diploma. Mesmo, como testemunhou Mestre Elisiário Soares¹² (84 anos), antigo ferreiro de Martinlongo, quando a presença de um veterinário nos meios rurais era já comum, estes, muitas vezes recorriam à ajuda do ferreiro ou ferrador, reconhecendo-lhes qualidade e prestígio. Os problemas dos animais mais comuns tratados por estes ‘veterinários sem diploma’, conforme testemunhado por António Soares da Palma seriam: a extracção de dentes *cromilhos* (equivalentes aos dentes do siso nos humanos); *formigueiro* (que afecta os cascos dos animais); *pulmeira* (equivalente a pneumonia) e *embaço* (engasgamento dos cavalos por ingestão excessiva de farinha de alfarroba). Era também muito comum serem chamados a assistir aos partos dos animais.

O trabalho de ferrador consistia essencialmente na colocação de ferraduras nos cascos dos animais. Por vezes forjavam as ferraduras. Era um ofício que tinha muito em comum com o de ferreiro, não se distinguindo, por vezes, com precisão as fronteiras de um e de outro.

The same thing could be said in relation to the practice of veterinary functions by some blacksmiths (when they combined their job with that of a farrier) and by many farriers. It was common to go to these professionals in order to solve animals’ health problems. In this case, there was even a certain acknowledged social/professional status: *Alvitar*, that is, a veterinarian without a diploma. As witnessed by Master Elisiário Soares¹² (84 years old), a former blacksmith from Martin Longo, even when the presence of a veterinarian in the rural areas was already common, they often looked for the blacksmith’s or the farrier’s help, admitting their quality and prestige. As witnessed by António Soares da Palma, the more common problems treated by these ‘veterinarians without a diploma’ would be: the extraction of *cromilho* teeth (the equivalent to the human wisdom teeth); horse thrush (which affects the horses’ hooves); paroxysmal dyspnoea (the equivalent to pneumonia) and *embaço* (the horses’ choking due to the excessive ingestion of carob flour). It was also very common for them to be called to be present at animals’ deliveries.

¹² De referir que este testemunhou serem estas funções de ‘veterinário’ as que mais o cativavam no seu quotidiano laboral.

¹² It is important to mention that these were the ‘veterinarian’ functions which fascinated him in his working daily life.

No entanto como nem todos os ferreiros eram ferradores, nem todos os ferradores forjavam ferraduras, havia uma relação de cumplicidade entre ambos os profissionais. Chama-se 'Arte de Ferrar' ao conjunto de conhecimentos que o ferrador deve possuir para colocar as ferraduras, seguindo os preceitos necessários no casco do animal. O seu conjunto de ferramentas resume-se a: turquês para arrancar a ferradura e os cravos e para cortar o casco do animal; formão para aparelhar o corte do casco do animal; martelo para pregar e arrebatar os cravos; cravos e ferraduras.

Ainda sobre o ofício de ferrador será importante aludir que o seu trabalho era, com frequência, contratado à avença anual. Sobretudo por conta dos lavradores que possuísem maiores recursos e mais animais. Nestas situações o pagamento era feito em alqueires de trigo: "um alqueire para um burro, um alqueire e meio para uma besta muar e uma cavalariça eram dois alqueires", conforme testemunha Antônio Valente (85 anos), antigo ferrador em Vaqueiros. A alusão a estes outros domínios do trabalho do ferreiro revelam-se importantes na medida em que ilustram, por um lado, uma vertente da forja enquanto espaço terapêutico, mas mais do que isso vêm confirmar, ainda que apenas e em certa medida, resquícios de um universo simbólico associado ao ferro e ao ferreiro, que não podendo ser ilustrados por uma recorrência maior e mais concreta de factos serve apenas para levantar hipóteses e lançar pistas possíveis para diferentes interpretações sobre o trabalho e o domínio do ferro.

The work of a farrier consisted mainly of placing horseshoes on the animals' hooves. Sometimes they forged the horseshoes. It was a trade that had a lot in common with that of a blacksmith and at times it was not possible to distinguish between the boundaries of both of them. However, since not every blacksmith was a farrier, not every farrier forged horseshoes, there was a complicity relationship between both professionals. 'Arte de Ferrar' (The Art of Shoeing/Branding) is the name given to the knowledge the farrier must possess to put horseshoes on the animal hoof, following the necessary rules. His set of tools consists of: pincers to pull the horseshoe and the nails and to cut the animal's hoof; a chisel to prepare the cutting of the animals' hoof; a hammer to fix and pull the nails; nails and horseshoes.

About the trade of the blacksmith, it is still important to mention that his work was frequently hired at a yearly salary. Especially at the expense of farmers who possessed more resources and more animals. In these situations, the payment was made in *alqueires* (wheat measures (about 13 litres)): "one *alqueire* for a donkey, a one and a half *alqueires* for a mulish beast and two *alqueires* for a beast above the average", as stated by Antônio Valente (85 years old), a former blacksmith from Vaqueiros.

The reference to these domains of the blacksmith's work turns out to be important for they illustrate, on the one hand, a side of the forge as a therapeutic place, but more than that, they confirm, although to a certain extent, vestiges of a symbolic universe linked to iron and to the blacksmith. As they cannot be illustrated by a bigger and more specific recurrence of facts, it only serves to propose a hypothesis and to drop possible hints for different interpretations of the work and the mastery of iron.



Mestre Matias Mestre Pereira
ferrando uma besta
Mestre Matias Mestre Pereira
shoeing an animal
Nerve, Atelier de Design

A OFICINA DO PEREIRO

PEREIRO'S WORKSHOP



Francisco Romba (Mestre Chico)
1958
Família Romba
Romba Family

Os registos da existência de forjas na aldeia do Pereiro perdem-se no tempo. Esta oficina, cujo mais antigo registo nas Finanças remonta a 1937, acreditando-se porém que terá existência anterior, conheceu como último ferreiro Francisco Romba¹³, conhecido por Mestre Chico que aqui terá chegado, vindo do Baixo Alentejo (próximo da fronteira com o Algarve), onde aprendera o ofício com o seu pai, no início da década de 40 do séc. XX. Na altura, segundo testemunha Pedro José (88 anos), não havia no Pereiro nenhum ferreiro, pelo que terá informado Mestre Chico de que se aqui se instalasse teria “uma freguesia grande.” Seguindo esta sugestão, Mestre Chico veio explorar esta oficina, onde trabalhou, com ajudantes e aprendizes, durante cerca de 30 anos, transferindo-se, por ocasião da morte de um cunhado (também ferreiro), para outra oficina no Pereiro, maior e mais recente, que oferecia melhores condições. Desde essa altura este espaço perdeu a sua função original, tendo sido usado durante algum tempo como armazém e loja de roupa.

The records of the existence of forges in the village of Pereiro get lost in time. This workshop, whose most ancient finances records take us back to 1937, although it is believed that it was created before that, referred Francisco Romba¹³, also known as Master Chico, as the last blacksmith who worked here. He arrived in Pereiro coming from Baixo Alentejo (near the border with the Algarve), where he had learned the trade with his father in the beginning of the 1940s. At that time, according to Pedro José (88 years old), there was not any blacksmith in Pereiro, so he told Master Chico that if he settled here, he would have “a big parish”. Following this suggestion, Master Chico came to exploit this workshop where he worked with assistants and apprentices for about 30 years, and when his brother-in-law (also a blacksmith) died, he moved to another workshop in Pereiro, which was bigger, more modern and provided better conditions. Since then, this space lost its original function and for some time it was used as a warehouse and a clothing shop.

¹³ Francisco dos Santos Romba nasceu em 1909 em Penedos, concelho de Mértola e morreu em 1987.

¹³ Francisco dos Santos Romba was born in 1909 in Penedos, in the municipality of Mértola and died in 1987.

Há cerca de 30 anos, Mestre Chico terá legado a sua oficina a Mestre Matias (70 anos) que com ele aprendera o ofício e que passava assim a ser o novo ferreiro da aldeia. Actualmente Mestre Matias mantém-se em funções, tendo uma pequena oficina num espaço que é também garagem e arrecadação (o que demonstra a pouca expressividade do ofício na actualidade). É sobretudo solicitado para ferrar animais, ocorrendo onde seja necessário, ao contrário do que era costume. Faz também diversas armadilhas para animais (coelhos, javalis, etc.). Na oficina do Pereiro, quando nela trabalhava Mestre Chico, e à semelhança do que acontecia em muitas outras, o dia de trabalho começava de madrugada e prolongava-se até ao pôr-do-sol. Muitas vezes, nos períodos de maior intensidade de trabalho, e segundo Suzete Romba, começava-se a função às 4 horas da manhã. O barulho dos malhos soava como música, marcando o ritmo e animando a aldeia. Também o movimento de pessoas e animais que acorriam à oficina dava vida à aldeia, pois a toda a hora chegava gente, homens principalmente, procurando o trabalho do ferreiro, para adquirirem ou amanharem alfaias, com animais para ferrar, etc. Este movimento era ainda intensificado pela chegada regular de camiões com matéria-prima para o trabalho na forja (ferro e carvão). Ou como testemunha António Cavaco (90 anos), antigo trabalhador rural e pastor, “O Mestre Chico tinha muita freguesia. Vinha gente de todo o lado. Vinham ali ferrar bestas, amANHAR ferramentas, muita coisa.”

Nearly 30 years ago, Master Chico would have left his workshop to Master Matias (70 years old), who learned the trade from him and so he became the new blacksmith in the village. Nowadays, Master Matias still works and he has a small workshop in a place which is also a garage and a storehouse (which shows the lack of importance of this trade at the present time). He is especially called to shoe animals, going wherever it is necessary, unlike it was usual. He also makes several animal traps (rabbits, wild boars, etc.).

When Master Chico worked in this workshop, and similarly to what happened in many other workshops, the work day started at daybreak and lasted until the sunset. According to Suzete Romba, very often, in high-intensity periods of work, they started at 4 a.m. The noise of the sledgehammers sounded like music, setting the rhythm and cheering up the village. The movement of people and animals who went to the workshop also gave life to the village, since people were always coming in and out, especially men, who came looking for the blacksmith in order to buy or to repair farm implements, or to shoe animals, etc. This movement became more intense with the regular arrival of trucks carrying raw-materials to use in the forge (iron and coal).

According to António Cavaco (90 years old), a former shepherd and rural worker, “Master Chico had a lot of customers. People came from everywhere. They came to shoe the animals, repair the tools, among many other things.”

ALFAIAS, BALANÇAS E FERRADURAS FARM IMPLEMENTS, SCALES AND HORSESHOES

O ritmo do trabalho na oficina regia-se pelo ciclo agrícola: no Outono e Inverno preparavam-se e amanhavam-se as alfaias para a preparação da terra e para as sementeiras (sobretudo arados e charruas, sempre sujeitos a grande desgaste); a partir do Inverno e até à Primavera fabricavam-se as foices para as colheitas.

Nestes períodos de intensificação do trabalho a azáfama era constante. Segundo Daniel Neves para amANHAR uma charrua, cuja relha durasse um mês o respectivo bico duraria cerca e dois dias, sendo por isso necessário acorrer com muita frequência aos serviços do ferreiro para se lhe acrescentar o bico que se havia gasto na terra. Porque, como testemunha António Valente, naquele tempo “gastava-se muita coisa porque trabalhava-se no campo e o campo comia tudo.”

Durante todo o ano Mestre Chico fazia ferraduras que usava para, ele próprio, ferrar animais, ou para vender aos ferradores que as solicitassem. Fazia ainda balanças de vara, que eram famosas em todo o Algarve e Alentejo, e inúmeros artefactos e objectos de uso quotidiano (camas, lavatórios, ferrolhos, trempes, etc.).

In the workshop, the work rhythm was guided by the agricultural cycle: in the autumn and in the winter it was time to prepare and repair the farm implements in order to prepare the soil to seed-time (especially ploughs, which were always subject to great wearing out); from winter until spring, it was time to make the sickles to use during harvest time.

In these intense periods, the bustle was constant. According to Daniel Neves, to repair a plough whose ploughshare lasted a month, the respective nozzle would last about two days, therefore being necessary to go to the blacksmith many times to add the nozzle which had got worn-out in the soil. Because at that time, “one would spend a lot because people cultivated the fields and the fields ate it all up”, said António Valente.

Throughout the year, Master Chico himself made horseshoes he used to shoe animals or to sell to the farriers who asked for them. He also made scales, which were famous in the Algarve and in Alentejo, and countless artefacts and objects for our daily use (beds, washbasins, bolts, trivets, etc.).

About the scales he manufactured with great detail and precision, Pedro José says: “My father bought the first scale he made in Pereiro and he told him: ‘- You can bet anyone you want the scale is very good, you can weigh whatever you want.’ People even came here to use our scale.”

Sobre as balanças de vara que fabricava com grande minúcia e precisão, diz Pedro José: “A primeira balança que ele fez no Pereiro quem a comprou foi o meu pai, e disse-lhe logo assim: ‘- Pode apostar com quem quiser como aquilo está mesmo no ouro, pode pesar aquilo que quiser.’ Chegou a pontos que vinham pessoas a pesar aqui à nossa balança.”

As balanças eram constituídas por uma caixa, uma haste com marcação das várias unidades de massa e o respectivo pilão (o peso que se desloca na haste até equilibrar a balança). A fase final da feitura da balança era muito minuciosa, exigindo um trabalho de aferição muito rigoroso. O Mestre Chico numerava cada balança que fazia e gravava numa das extremidades do braço da mesma, as iniciais do seu nome.

O fabrico de foices era o trabalho que mais tempo consumia ao Mestre Chico, já que tinham de ser produzidos centenas, senão milhares, de exemplares. Ainda que a produção de cereal no Concelho de Alcoutim não fosse substancialmente expressiva, era comum os homens partirem para o Alentejo em busca de trabalho durante a época das colheitas, levando consigo a sua própria foice.

O processo de fabrico de foices era complexo e requeria uma série de procedimentos descritos por António Soares Palma e que passavam, envolvendo todos os procedimentos técnicos do trabalho de ferreiro, por: caldear na forja; puxar e malhar (dar forma, fazer ‘a curva’); rebolar para limpar; fazer a dentadura ou picar a foice; ir de novo à forja para dar tempera; voltar ao rebole para limpar e afiar; envernizar e encabar e, por fim, enrolá-la em papel para não oxidar.

The scales were composed of a box, a rod marking the mass units and the respective *pilão* (the weight which moves in the rod until the scale reaches its balance). The final stage in the manufacture of the scale was very detailed, requiring a very rigorous calibration work. Master Chico numbered each scale and engraved his initials in one of the extremities of the scale’s arm.

The sickles’ manufacture was what took more time to make, since hundreds if not thousands of them had to be manufactured. Although cereal production in Alcoutim was not substantially meaningful, men used to leave for Alentejo during harvest time in search of work, taking their own sickles with them.

The sickles’ manufacture process was complex and required a series of procedures described by António Soares Palma. According to him, it implied all the technical procedures involving the blacksmith’s work such as: welding in the forge; pulling and hammering (to give shape, to make ‘the curve’); using the grindstone to clean; to make the “sickle’s teeth” or to make the sickle; to return to the forge in order to give temper; to return to the grindstone to clean and sharpen it; to varnish, to put a handle and lastly, to wrap it up in paper to prevent it from oxidizing.



António Soares da Palma
picando uma foice, Pereiro
António Soares da Palma
making a sickle, Pereiro

Paulo Torrado

Como testemunha Suzete Romba, filha do Mestre Chico: “Quando centenas de foices haviam já saído da forja, passando pela bigorna, era necessário amolá-las num reboleiro próprio” de pedra e forma cilíndrica colocado verticalmente numa caixa de madeira contendo água e movido a pedal. Seguia-se, depois, o trabalho de picar as foices que requeria grande precisão e mestria e que consistia em dar à foice um corte tipo serra. “Para isso era preciso ter um banco próprio¹⁴, de madeira, um cinzel e um martelo. Quando o meu pai ia picar as foices, dizia que ia descansar um pouco porque este trabalho era, talvez, o único que fazia sentado. (...) O meu pai fazia este trabalho com tanta mestria e com um ritmo tão rápido e tão certo que os dentes da foice, bem unidos uns aos outros, mais pareciam ter sido feitos por um processo mecânico e não à mão.”

Outra especificidade do trabalho de Mestre Chico, seria picar foices para canhotos. Como nem todos os mestres das oficinas em redor, o sabiam fazer, enviavam-nas ao Pereiro, para que Mestre Chico as picasse, o que fazia na perfeição, aproveitando a característica de ser ambidestro.

Será importante mencionar que havia oficinas que fabricavam foices durante todo o ano.

Suzete Romba, Master Chico's daughter says that: “When hundreds of sickles had already left the forge and the anvil, it was necessary to sharpen them in a specific grindstone” made of stone with a cylindrical shape, placed vertically in a wooden box filled with water and worked by a pedal. The work of making the sickles required great precision and thorough knowledge and it consisted of giving the sickle a cut that looked like a saw. “To do that, it was necessary to have a specific wooden bench¹⁴, a chisel and a hammer. When my father made sickles, he said he was going to rest for a little while since this was maybe the only work he did sitting. (...) My father did this work with so much mastery and with a fast and precise rhythm that the sickle's prongs, well joined to each other, looked like they had been made by a mechanical process and not by hand.”

Another of the specificities of Master Chico's work would be to make sickles for left-handed people. Since all the blacksmiths from the nearest workshop did not know how to do it, they sent the sickles to Pereiro so that Master Chico could make them perfectly, taking advantage of the fact that he was ambidextrous.

It will be important to mention that there were workshops which made sickles throughout the whole year.

¹⁴ Espécie de cavalete tosco de madeira onde assentava uma pequena bigorna. A foice colocava-se em cima da bigorna e fixava-se por correias de couro que eram esticadas com os pés.

¹⁴ A sort of rough, wooden trestle where a small anvil was put. The sickle was placed on the anvil and it was fastened by leather straps which were stretched with the feet.

Segundo Mestre Elisiário Soares de Martinlongo: “o que mais fabriquei foram foices e cheguei a fabricar 18 mil num ano. É muita foice não é? também as espalhava desde o Algarve à Beira baixa (...). Quando eu andava na venda das foices o pessoal por lá perguntava-me: - Então isto leva um dia para fazer aqui os dentes das foices? – que era a picadura e eu dava-me em rir, eu digo: - Um dia? Três minutos e meio, quatro minutos chega!! – Mas como é isso possível? – O senhor põe-se lá ao pé e não é capaz de contar as pancadas que eu dou no cinzel.

E era assim as pessoas, pois não conheciam e quem via aquilo estando tudo tão certo então achavam isso impossível.”

Outra função do ferreiro, complementar ao trabalho do abegão, era a de ferrar as rodas dos veículos de tracção animal. Assim, e como testemunha vivamente Suzete Romba:

According to Master Elisiário Soares, from Martim Longo: “the object I manufactured the most were the sickles and one year I even manufactured 18 thousand sickles. That is a lot of sickles, isn't it? I also sold them everywhere, from the Algarve to Beira Baixa (...). When I was selling sickles, people asked me: - So it takes you a day to make the sickles' teeth? – which were the sickle's prongs and I started laughing and said: - A day? Three and a half minutes, four minutes is enough!! – But how is that possible? – You stand near me and you are not able to count the number of chisel strokes.

It was like that, people did not know about it, and those who saw it so precise thought it was impossible.”



Carro de Bestas, Pereiro
Animal cart, Pereiro
Nerve, Atelier de Design

“Esporadicamente, o trabalho do ferreiro saía das paredes da oficina para ir ao encontro do trabalho do abegão da aldeia, o Mestre Manuel Francisco. ‘Enferrar’ era o nome que se dava ao trabalho que consistia em introduzir o aro de ferro na roda de madeira, feito em parceria entre o ferreiro e o abegão. Neste dia era precisa a ajuda de muita gente, mestres e ajudantes. Este trabalho redundava num espectáculo para quem assistia a este processo porque implicava o uso da força e do fogo e punha à prova a coragem destes homens pois o perigo estava ali a espreitar. As crianças e curiosos, atraídos por toda esta envolvimento, enchiam o espaço circundante onde este trabalho ia decorrer. Logo na véspera eram procurados excrementos de vaca (raros por estas bandas, por estes animais serem, também, raros por aqui). Eram colocados no chão formando uma circunferência cujo perímetro correspondia ao do aro de ferro que ali iria ser colocado. Era escavada uma cova no chão onde algumas mulheres despejavam água que traziam do poço do povo em cântaros e baldes. Acendia-se um braseiro onde já estavam os excrementos de vaca e outros materiais, lenha e madeira, sobre o qual se colocava o aro de ferro para poder dilatar com o calor. Quando se tornava incandescente surgia o momento mais perigoso de todo este processo. Era quando vários homens, agarrando em grandes tenazes de ferro, o retiravam com todo o cuidado do braseiro e o levavam para o lugar onde se encontrava a roda colocada sobre uma armação de madeira, introduzindo-o aí com todo o cuidado. Entretanto, homens e mulheres acorriam com baldes de água, trazida da já referida poça, que atiravam sobre a roda para que o aro contraísse e se desse um bom ajustamento entre as duas peças. Seguidamente, o ferreiro e o abegão, cada um com seu martelo, iam batendo na roda e no aro ainda quentes do fogo para que tudo ficasse na perfeição.

O momento mais alto de todo este processo era, sem dúvida, aquele em que os homens tinham de conduzir esse enorme aro de ferro em brasa, até o colocarem na roda.

Hoje, a uma distância de quase 70 anos, lembro-me bem dos momentos de aflição que passava ao ver o meu pai envolvido naquele trabalho perigoso, sabendo eu, embora criança ainda, que ele era protagonista principal daquela cena.”

Ou como resume Mestre Elisiário Soares: “Pronto era uma vida muito dura, porque anteriormente logo a principio a gente fazia uma foice mas era com um bocadinho de aço e um bocadinho de ferro e ligava aquilo tudo, quer dizer para ligar o ferro com o aço tinha que correr ali como a água se uma parte começava a escorregar primeiro tinha que lhe descair com a areia em cima para ele se manter ali e chegar aquele calor devido, era correr em cima e ligar logo. Os anos foram muitos e a história é muito comprida, na questão de fabricar. Tudo quanto foi agrícola fiz, todas as ferramentas agrícolas, machadas, machadinhas e foices é como digo, aos milhares. É tudo quanto tenho para contar pois isto era uma história ainda muito maior, é muito difícil estar à boca de uma forja a correr o suor de fio e estar a choviscar e ir ferrar para o meio da rua, fazer as ferraduras e pregá-las...”

Another of the blacksmith’s duties, complementary to the work of the farm administrator, was to provide the wheels of the animal traction vehicles with iron. Suzete Romba enthusiastically says: “Sporadically, the blacksmith left the workshop to go meet the work of the village’s farm administrator, Master Manuel Francisco. ‘*Enferrar*’ was the name given to the work which consisted of introducing the iron hoop into the wooden wheel, a task done in partnership between the blacksmith and the farm administrator. This day, many people such as masters and assistants were needed to help them. This work resulted in a show for those who saw the whole process because it involved the use of strength and fire and it put these men’s courage to the test, as danger was right there beside them. Both children and curious people, attracted by this environment, filled the surrounding space where the work was going to take place. The day before, people looked for cow excrement (cow excrement were rare in the area because there were not many cows around). The excrement were then put on the ground, forming a circle whose perimeter corresponded to that of the iron hoop which was going to be used. Someone dug a hole in the ground into which some women poured water they brought from the community well in pitchers or buckets. Then a fire was lighted, where the cow excrement and other materials such as wood were put and above which the iron hoop was placed so that it could dilate with the heat. When it became red-hot, then it was time for the most dangerous moment of the whole process. That was when several men, holding big iron pincers, carefully removed it from the fire and took it to a wooden structure where the wheel was placed. Meanwhile, men and women brought buckets of water from the afore-said well and tossed them over the wheel so that the hoop could contract and adjust to the wooden wheel. Afterwards, the blacksmith and the farm administrator, with a hammer each, hammered the wheel and the hoop while they were still hot from the fire so that everything could be perfect.

The highest moment of the whole process was undoubtedly that when the men had to take the huge red-hot iron hoop to be placed on the wooden wheel.

Nowadays, and almost 70 years later, I remember the moments of distress when I saw my father doing that dangerous work and knowing, although I was still a child, that he was the main character of that scene.”

Or as Master Elisiário Soares sums up: “Formerly, it was a very tough life, because in the beginning we made a sickle with a little bit of steel, a little bit of iron and we mixed everything. I mean, to mix iron and steel we used water, and if part of it started to melt we used sand to keep it right and reach the proper temperature and then we mixed it all up. As to the matter of manufacturing, it took many years and the story is too long. I manufactured everything that was related to agriculture, all the agricultural tools, thousands of them, such as small axes, hatchets and sickles. This is all I have to tell, since the story was even longer and it is very hard to be so close to the forge, dripping with sweat, and sometimes it drizzles and we have to work in the middle of the street, make the horseshoes and nail them...”



A FORJA DO MESTRE CHICO NO QUOTIDIANO RURAL: NOTÍCIAS, TRATAMENTOS E AMORES

MASTER CHICO'S FORGE IN THE RURAL DAILY LIFE: NEWS, TREATMENTS AND LOVE

Destacando a vertente social da forja, e porque nos meios rurais, esta rivalizava com a tasca ou com a barbearia (espaços de sociabilidade masculina), essencialmente no Inverno, onde os homens acorriam ao calor do fogo, aqui se juntavam para conversarem sobre o quotidiano ou para saberem as últimas novidades do mundo, uma vez que Mestre Chico assinava o jornal 'República'.

De salientar ainda que Mestre Chico era um homem pouco comum, já que, para os padrões da época e da realidade social da aldeia, era um homem culto e esclarecido: interessava-se pela leitura, sobretudo dos clássicos portugueses, como Eça de Queirós; gostava de viajar e de conhecer o país, aproveitando cada oportunidade que tinha para visitar museus; era também um opositor de Salazar convicto, esperançoso por uma mudança de regime.

Dotado destas características intelectuais, adivinha-se que a oficina fosse um espaço privilegiado de conversa e de esclarecimento sobre a actualidade. Obviamente que com as devidas ressalvas que outros tempos exigiam...

Highlighting the social side of the forge, and because in the rural environments it rivalled the tavern or the barber's shop (places of masculine sociability), especially in the winter, it was where the men went to feel the heat of the fire and to talk about everyday life or to hear the latest news of the world, since Master Chico subscribed the newspaper 'República'.

It is also important to point out that Master Chico was an uncommon man, since for the times' standards and for the village's social reality he was an educated and enlightened man: he was interested in reading, especially in the Portuguese classics like Eça de Queirós; he liked to travel and to know the country, seizing every chance he had to visit the museums; he was also a strong opponent of Salazar, wishing for a regime change.

Endowed with these intellectual characteristics, it is easy to guess that the workshop was a privileged space to talk about current affairs. Obviously, with the proper limitations that those other times demanded...

This workshop also had an important therapeutic side. People who suffered from whooping cough went there especially to inhale the smoke released by the coal and those who suffered from anaemia went there to get chalybeate water. However, there is no proof that Master Chico could treat the shingles (or zoster).

Dando a tempera a uma alfaia
Giving temper to a farm implement
Nerve, Atelier de Design

Também esta oficina tinha uma vertente terapêutica considerável, aqui ocorrendo, sobretudo, quem sofria de tosse convulsa, para aspirarem os fumos do carvão, e de anemia, para obterem água férrea. Não existem porém testemunhos sobre a prática de tratamento da zona (ou cobro) por Mestre Chico.

Mestre Chico também conciliava às suas funções de ferreiro as de ferrador, fazendo as ferraduras e ferrando os animais. Contudo não se regista que desempenhasse quaisquer funções de Alvitár, ao contrário do que outros ferreiros/ferradores faziam.

Dando continuidade a uma tradição perdida no tempo, ocasionalmente Mestre Chico era procurado pelos rapazes da aldeia para que lhes fizesse anéis de cravo de ferradura com os quais presenteavam as moças. Estes anéis, feitos com um cravo de ferradura espalmado e enrolado, eram então um símbolo de amor e de comprometimento e, segundo Leite Vasconcelos, seriam um prenúncio de felicidade para quem os usasse.

Como ficou demonstrado, o trabalho do ferreiro no mundo rural não se limitava à produção de alfaia agrícola. De facto, o ferreiro desempenha um papel fundamental no quotidiano das aldeias, tal como testemunha o seguinte texto:

“A grande falange dos arroteadores da terra que moirejando dia-a-dia empunha a enchada, a sachola, o sacho, o sachinho, o alvião, o machado, o gadanho, a pôdoa, a picareta, a fouce, a foucinha, o foucinhão, a forquilha, a grade, o arado, todo o ferramental, enfim, que se cabrunha, caldeia, calça, tempera, aguça e amola, tôda encaminha seus cuidados para êsse colaborador do seu granjeio – o *ferreiro da aldeia*.

O próprio carro ancestral, de eixo fixo, que tem por assim dizer o primeiro lugar junto das apeirias da lavoura, êsse mesmo recebe do *ferreiro da aldeia* os pregos de ‘cabeça’, as ‘meias luas’, as ‘abraçadeiras’, as ‘rosetas’, as ‘vistas’, as chapas dos ‘rodeiros’, a ‘chavelha’, o ‘chavelhão’, as ‘cantelas’, as ‘ergolas’, sem o que não resistiria aos solavancos dos caminhos duros e ladeirentos.

He also added to his duties of a blacksmith those of a farrier, making horseshoes and shoeing the animals. However, it does not seem that he was also an *alvitár*, unlike other blacksmiths/farriers.

Following a tradition lost in time, from time to time, the village boys visited Master Chico and asked him to make rings from horseshoe nails and gave them to the girls. These rings, made from a flat and wound up horseshoe nail, were a symbol of love and commitment, and according to Leite Vasconcelos, they would be a prediction of happiness for those who wore them.

As it was manifested, the work of a blacksmith in the rural world was not limited to manufacturing farm implements. In fact, the blacksmith plays an essential role in the villages’ daily life, as shown by the following text:

E não é tudo. Precisa-se de uma pregadeira na grelha, de uma aza no ‘pote’, de um ‘gramêlo’ na porta, de uma ‘ferrelha’ p’ró forno, de um gancho para a ‘podoira’, de um ‘rabo’ na colher, de um ‘chuço’ p’rá provadeira do estrume? Acorre-se ao *ferreiro da aldeia* – que, se calhar, porque a forja está apagada, vai-se ao ferrancho que tem para seu uso, ajeita-o, lima-o, vende-o ao freguês e, só tarde, se chegar a maré, o substitue, talvez para não desmentir o velho rifão que diz:

‘Em casa de ferreiro,
espeto de salgueiro!’

Vive, por tudo isto, na simpatia do povo humilde e trabalhador, o *ferreiro da aldeia* (...) que como vemos não se limita à consertagem, ao mero aguço dos picos, ao amolar das peças de corte, produz ferramentas não só para a lavoura, mas também para montantes, pedreiros, mineiros, etc. Razão porque o nosso ferreiro, há séculos, se faz para as feiras e mercados.” (As Idades do Ferro, 1995: pp. 40-41).

“The great phalanx of farmers who toil, day in, day out, wielding pickaxes, trowels, weeding-hoes, hoes, mattocks, axes, forks, pruning knives, scythes, sickles, big scythes, pitchforks, harrows, ploughshares, every kind of tool, in other words, that one uses to farm, weld, shoe, temper, grind or sharpen, all entrust them to the care of this assistant of their tilling – the *village blacksmith*.

The ancestral cart, with its fixed axle, which so to speak is first among farm implements, receives from the *village blacksmith* the roundhead nails, round clips, braces, rowels, brackets, axle plates, beams, axle pins, rails, rings, without which it could never withstand the jolts from the hard and sloping tracks.

And that is not all. Do you need a fastener for the grill, a handle for the pot, a part for the door, a shovel for the embers, a hook for the pruning shears, a handle for a spoon, a pike for the manure spreader? Then run to the *village blacksmith* – who, perhaps, because the forge is unlit, will find a piece of scrap iron that he keeps for himself, straighten it, polish it, sell it to his neighbour and only later, when the tide comes in, replace it, perhaps not to contradict the old saying that goes:

“On the blacksmith’s fire,
a spit made of wire!”

For all these reasons, the humble and hard-working people reserve a special place for the *village blacksmith*... whose work as we can see is not just about fixing tools, sharpening points, or grinding cutting tools, but making implements that are not only for farmers, but also for horsemen, quarrymen, miners, etc. Which is why the blacksmith has sold his wares at fairs and markets for centuries.” (As Idades do Ferro [The Iron Ages], 1995, pp. 40-41).

ANTIGOS SABERES, NOVOS FAZERES **ANCIENT KNOWLEDGE, NEW DOINGS**

Apesar de no espaço da oficina, os sentidos não poderem já ser despertados pelo cheiro do carvão nem do ferro em brasa, nem pelo calor, nem pelo som dos malhos, a invocação e a lembrança do local e de quem aqui trabalhou, permite homenagear o passado e um ofício em extinção, contribuindo para que, pelo menos, pela memória, se preservem no futuro.

De facto, o desaparecimento de uma realidade em que o trabalho do ferreiro agrícola fazia sentido e se justificava fez com que os últimos ferreiros abandonassem os seus martelos e as suas bigornas. E aqueles que ainda hoje persistem e subsistem vêem-se confrontados com uma sobrevivência difícil, desafiada por novidades e transformações que lhes exigem adaptações constantes. Por isso, alguns vêm reformulando e reinterpretando as suas técnicas e a sua produção. Mas são antigos ferreiros agrícolas, e que filhos, netos, bisnetos de outros ferreiros, que se encontram ainda em actividade, muitos já como serralheiros, sabendo angustiados que com eles morrerá, concerteza um ofício que hoje já ninguém quer aprender.

In the space where the workshop used to be, although the senses can no longer be awakened by the smell of the coal or by the red-hot iron, nor by the heat or by the sound of the sledgehammers, the invocation to the recollection of the place and the people who worked there allows to pay an homage to the past and to an endangered trade, using memory to contribute to their future preservation.

In fact, the disappearance of a reality where the work of the agricultural blacksmith made sense and justified itself made the last blacksmiths leave their hammers and their anvils. And those who still persist and survive are confronted with a difficult survival, challenged by news and transformations which require constant adaptations. Therefore, some reformulate and reinterpret their techniques and their production. But the old anguished agricultural blacksmiths, their sons, grandsons and the great-grandsons of other blacksmiths who still work, but now as locksmiths, know that a trade which no one wants to learn anymore will die with them.

Também as profundas transformações sociais, tecnológicas e produtivas que ocorreram nos últimos anos alteraram o sistema tradicional de formação profissional, que assegurava a sobrevivência do saber mediante a transmissão directa do ofício de geração em geração, sem que se tenham criado alternativas a este sistema.

No entanto, nos últimos anos, constatou-se a urgência de gerir sustentavelmente – em termos sociais, culturais e ambientais – os territórios rurais. De um modo geral visa-se a implementação de estratégias de desenvolvimento que envolvam os vários intervenientes das realidades sócio-políticas locais. Neste sentido abre-se campo para problemáticas tão urgentes como a manutenção de memórias, de locais, etc. Não uma manutenção cristalizada em saudosismo puro, mas sim assente em dinâmicas de reflexão e de questionamento sobre o presente e, sobretudo, o futuro. Será assim que se perspectiva a musealização da oficina do Pereiro e que se assegura, em certa medida, a sobrevivência possível de um saber.

The deep social, technological and productive transformations which occurred in the last years changed the traditional vocational training system, which guaranteed the survival of knowledge by means of the direct transmission of the trade from generation to generation, without the creation of alternatives to this system.

However, in the last years, there was a need to manage the rural territories in a sustainable way – in social, cultural and environmental terms. On the whole, there is an intention to implement development strategies which include the participants in the local social and political realities. In this sense, the way is cleared for such urgent problems like memory and place keeping, etc. This memory and place keeping is not crystallized in pure nostalgia, but it is based on reflection and questioning dynamics about the present and especially about the future. This is how the musealization project of Pereiro's Workshop is put in perspective and it is also how to ensure the possible survival of a knowledge to a certain extent.



Interior e exterior da Casa do Ferreiro,
na aldeia do Pereiro
Inside and outside Casa do Ferreiro,
in the village of Pereiro
Nerve, Atelier de Design





António José, António Francisco
Margarido, António Agostinho
Paulo Torrado

ÚLTIMAS PALAVRAS

LAST WORDS

Resta invocar aqui as preciosas contribuições da Dra. Victoria Cassinello e da professora Suzete Romba, mentoras deste projecto e principais colectoras de informação e de testemunhos. Deixar ainda uma palavra de agradecimento a todos quanto ofereceram os seus testemunhos e memórias: aos senhores Abílio Valente Estevens (83 anos), antigo trabalhador rural; António José Cavaco (90 anos), antigo trabalhador rural e pastor; António Soares da Palma (76 anos), antigo ferreiro; António Valente (85 anos), antigo ferrador; Custódio Rodrigues (86 anos), antigo trabalhador metalúrgico; Custódio Sebastião (88 anos), antigo trabalhador rural; Daniel Neves (56 anos), serralheiro civil; Elisiário Soares (84 anos), antigo ferreiro e ferrador; Gilberto Francisco (95 anos), antigo pastor e contrabandista; Francisco Lourenço (89 anos), antigo trabalhador rural e moleiro; João António Martins (88 anos), antigo trabalhador rural; José Vicente (80 anos), antigo ferreiro, Matias Pereira (70 anos), ferreiro e ferrador; Manuel Francisco Cardeira (62 anos), ferreiro e Pedro José (88 anos), antigo trabalhador rural.

E finalmente agradecer à comunidade local e ao Grupo Etnográfico – Associação Estrela Pereirense, que tão bem lembraram e reviveram o passado.

It remains to invoke the valuable contributions of Victoria Cassinello and of the teacher Suzete Romba, this project's mentors and the main information and statement collectors. I also want to express thanks to everyone who presented their statements and their memories: Abílio Valente Esteves (83 years old), former rural worker; António José Cavaco (90 years old), former shepherd and rural worker; António Soares da Palma (76 years old), former blacksmith; António Valente (85 years old), former farrier; Custódio Rodrigues (86 years old), former metallurgical worker; Custódio Sebastião (88 years old), former rural worker; Daniel Neves (56 years old), civil locksmith; Elisiário Soares (84 years old), former blacksmith and farrier; Gilberto Francisco (95 years old), former shepherd and smuggler; Francisco Lourenço (89 years old), former rural worker and miller; João António Martins (88 years old), former rural worker; José Vicente (80 years old), former blacksmith; Matias Pereira (70 years old), blacksmith and farrier; Manuel Francisco Cardeira (62 years old), blacksmith and Pedro José (88 years old), former rural worker.

At last, I want to thank to the local community and to the ethnographic group – Associação Estrela Pereirense, which remembered and relived the past so well.

CATÁLOGO CATALOGUE



MARTELOS HAMMERS

N.ºs de Inventário Inventory numbers

CF.001 (A) CF. 002 (B)

Proveniência Provenance

Pereiro

Proprietário Owner

António Soares da Palma

Datação séc. XX

Dating 20th century

Materiais Liga de ferro e madeira de eucalipto

Materials Iron alloy and eucalyptus wood

Descrição É constituído por uma massa de ferro com um furo a meio ou 'olho' para a entrada do cabo de madeira. Uma das extremidades é uma superfície plana, designada por pancada ou praça, e a outra em forma de cunha (pena).

Description It is composed of an iron and steel mass with a hole or an "eye" to fit a wooden handle. One of its extremities has a flat surface named *pancada* or *praça*, and the other extremity is like a wedge (pane).

Função Bater e cortar a obra

Function To hammer and cut the workpiece

Dimensões Comprimento 52,5cm | Largura 22cm | Altura 5cm | Ø cabo 3,5cm (A)

Dimensões Comprimento 32cm | Largura 15cm | Altura 4,5cm | Ø cabo 4,5cm (B)

Dimension Length 52,5cm | Width 22cm | Height 5cm | Ø handle 3,5cm (A)

Dimension Length 32cm | Width 15cm | Height 4,5cm | Ø handle 4,5cm (B)

TENAZ TONG

N.º de Inventário Inventory number
CF.005

Proveniência Provenance
Pereiro

Proprietário Owner
António Soares da Palma

Datação séc. XX
Dating 20th century

Materiais Liga de ferro
Materials Iron alloy

Descrição É constituída por duas hastes (as pernas), de secção circular que abrem em cruz por intermédio de um eixo que as liga. As extremidades posteriores (a boca) das hastes são espatuladas.

Description It is composed of two circular section “legs” which open crosswise by means of an axle which unites them. The legs’ posterior extremities (the opening) are spatulate.

Função Pegar e segurar a obra
Function To hold the workpiece

Dimensões Comprimento 70cm | Largura 4,5cm
Dimension Length 70cm | Width 4,5cm

TENAZES TONGS

N.ºs de Inventário Inventory numbers
CF.007 (B) CF. 006 (C)

Proveniência Provenance
Pereiro

Proprietário Owner
António Soares da Palma

Datação séc. XX
Dating 20th century

Materiais Liga de ferro
Materials Iron alloy



Descrição É constituída por duas hastes (as pernas), de secção circular e assimétricas, que abrem em cruz por intermédio de um eixo que as liga. As extremidades posteriores (a boca) das hastes são espatuladas.

Description It is composed of two circular section, asymmetric “legs” which open crosswise by means of an axle which unites them. The legs’ posterior extremities (the opening) are spatulate.

Função Pegar e segurar a obra
Function To hold the workpiece

Dimensões Comprimento 64cm | Largura 5cm (B)
Dimensões Comprimento 68cm | Largura 4,5cm (C)
Dimension Length 64cm | Width 5cm (B)
Dimension Length 68cm | Width 4,5cm (C)

TENAZES TONGS

N.º de Inventário Inventory numbers
CF.003 (D) CF.004 (E)

Proveniência Provenance
Castelhanos

Proprietário Owner
Manuel João da Palma

Datação séc. XX
Dating 20th century

Materiais Liga de ferro
Materials Iron alloy

Descrição É constituída por duas hastes (as pernas), de secção circular que abrem em cruz por intermédio de um eixo que as liga. As extremidades posteriores (a boca) das hastes são espatuladas e dobradas em ângulo recto.

Description It is composed of two circular section “legs” which open crosswise by means of an axle which unites them. The legs’ posterior extremities (the opening) are spatulate and bent at right angle.

Função Pegar e segurar a obra
Function To hold the workpiece

Dimensões Comprimento 77cm | Largura 6,5cm (D)
Dimensões Comprimento 55,5cm | Largura 4cm (E)
Dimension Length 77cm | Width 6,5cm (D)
Dimension Length 55,5cm | Width 4cm (E)

CRAVEIRA CALIPER

N.º de Inventário Inventory number
CF.009

Proveniência Provenance
Pereiro

Proprietário Owner
António Soares da Palma

Datação séc. XX
Dating 20th century

Materiais Liga de ferro
Materials Iron alloy

Descrição Barra de ferro de secção rectangular com 12 orifícios quadrados e circulares de dimensões diversas.

Description It is a rectangular section, flat bar with 12 square and circular holes which have different sizes.

Função Modelar a cabeça dos cravos e pregos
Function To shape the rivets and nails heads

Dimensões Comprimento 31,5cm | Largura 5,3cm | Espessura 1,7cm
Dimension Length 31,5cm | Width 5,3cm | Thickness 1,7cm



ENGENHO DE FURAR DRILL

N.º de Inventário Inventory number
CF.011/1-2

Proveniência Provenance
Castelhanos

Proprietário Owner
Manuel João da Palma

Datação séc. XX
Dating 20th century

Materiais Liga de ferro e madeira
Materials Iron alloy

Descrição É constituído por uma barra de ferro de secção quadrada, dobrada superiormente em ângulo recto e inferiormente em T. Na extremidade superior tem um olho roscado, onde enrosca uma peça em forma de T. O corpo principal da peça é reforçado por duas



cintas aparafusadas. Está fixo, na parte inferior a um cepo de madeira, por meio de roscas e parafusos em ferro, que por sua vez está também fixo a um banco tosco de madeira com três pernas, por meio de uma cinta, parafusos e porcas em ferro.

Description It is composed of a square section, flat bar, with the top bent at right angle and the bottom bent in T-shape. The top extremity has a threaded eye, where it is possible to fit a piece in T-shape. The workpiece's main body is reinforced by two screwed straps. The bottom is fixed to a block of wood by means of threads and iron screws, and that block of wood is fixed to a rough, three legged, wooden bench by means of a strap and iron screws and nuts.

Função Furar a obra
Function To drill the workpiece

Dimensões Altura 130cm | Largura 110cm | Profundidade 60cm
Dimension Height 130cm | Width 110cm | Depth 60cm

ARCO DE PUA HAND BRACE

N.º de Inventário Inventory number
CF.011/2-2

Proveniência Provenance
Castelhanos

Proprietário Owner
Manuel João da Palma

Datação séc. XX
Dating 20th century

Materiais Liga de ferro
Materials Iron alloy

Descrição É constituída por um arco de ferro duas vezes dobrado em ângulo recto. Tem superiormente uma espiga redonda onde rosca a cabeça. Inferiormente termina por um orifício roscado, onde se introduz uma broca. A meio do arco, enfiado nele, há um tubo também em ferro pelo qual se manuseia o arco.

Description It is composed of an iron brace bent twice at right angle. The top extremity has a round tenon where the head fits. In the middle of the brace there is also an iron tube used to handle it.

Função Furar a obra
Function To drill the workpiece

Dimensões Comprimento 34,5cm | Largura 9,5cm
Dimension Length 34,5cm | Width 9,5cm



CONJUNTO DE PICAR FOICES SET OF TOOLS TO MAKE SICKLES

BIGORNA (A), MARCADOR DE FOICES (B), CUNHA (C)

ANVIL (A), SICKLES' MARKER (B), WEDGE (C)

N.º de Inventário Inventory number

CF.012/2-4 (A) CF.012/3-4 (B) CF.012/4-4 (C)

Proveniência Provenance

Pereiro (A) Castelhanos (B, C)

Proprietário Owner

Antônio Soares da Palma (A) Manuel João da Palma (B, C)

Datação séc. XX

Dating 20th century

Materiais Liga de ferro

Materials Iron alloy

Descrição Conjunto constituído por três peças: uma pequena bigorna, um marcador e uma cunha. A bigorna tem, superiormente, uma superfície plana (praça) e inferiormente um espigão que encaixa no banco de picar foices. Apresenta ainda um orifício que a atravessa, onde enfia uma peça de ferro que permite fixar, por meio de correias a foice a ser trabalhada. A cunha tem a forma de um pequeno cutelo, em cujo espigão encabava um pequeno cabo de madeira. O marcador apresenta na superfície inferior inscrita a marca do fabricante e na superfície superior vestígios de impacto.

Description Set consisting of three tools: a small anvil, a marker and a wedge. The anvil's top has a flat surface (*praça*) and the bottom has an iron tenon which fits in the bench to make sickles. It also has a hole where it is possible to fit an iron piece which allows the fastening of the sickle by means of leather straps. The wedge is shaped like a small chopper, in whose tenon was a small wooden handle. The marker's bottom surface presents the manufacturer's insignia and the top surface impact traces.

Função Picar e marcar as foices

Function To make and mark the sickles

Dimensões

Altura 21,5cm | Largura 8,5cm (A)

Altura 14cm | Largura 6cm (B)

Comprimento 8,5cm | Largura 2,5cm (C)

Dimension

Height 21,5cm | Width 8,5cm (A)

Height 14cm | Width 6cm (B)

Length 8,5cm | Width 2,5cm (C)



BANCO DE PICAR FOICES BENCH TO MAKE SICKLES

N.º de Inventário Inventory number

CF.012/1-4

Proveniência Provenance

Castelhanos

Proprietário Owner

Manuel João da Palma

Datação séc. XX

Dating 20th century

Materiais Tecido, liga de ferro e madeira

Materials Fabric, iron alloy and wood

Descrição É constituído por um tampo e quatro pernas obtidas a partir de troncos de árvore. As pernas são em forma de Y invertido e estão fixas ao tampo por meio de encaixes e pregos. No topo do tampo, na sua parte posterior, tem fixa por grampos e pregos uma pequena bigorna. Sobre esta dispõem-se duas faixas de tecido que servem para fixar à bigorna a foice a picar. Numa das extremidades destas faixas enfiam por meio de argolas duas varas de ferro que saem em direcção ao chão e terminam enroladas em argola, onde enfiam, duas peças em forma de estribo. Estes estribos serviriam para manter as faixas esticadas, por força dos pés de quem estaria sentado no banco a trabalhar, mantendo a foice bem fixa na bigorna.

Description It is composed of a seat and four legs made of tree trunks. The legs are shaped like an upside-down Y and they are fastened by means of dovetails and screws. On the back of the seat's top, there is a small anvil fixed by cramps and screws. Above it, there are two fabric straps which fix the sickle to the anvil. In one of the straps' extremities, two iron rods are inserted by means of rings, then come out towards the ground and end up wound like rings, where two pieces shaped like stirrups are inserted. These stirrups, activated by the feet of the person sitting in the bench, were used to keep the straps stretched in order to keep the sickle still in the anvil.

Função Conferir à lâmina da foice capacidade de corte

Function To give the sickle's blade its cutting power

Dimensões Comprimento 96cm | Largura 31cm | Altura 63cm

Dimension Length 96cm | Width 31cm | Height 63cm

PEDRA DE AMOLAR OU REBOLO WHETSTONE OR GRINDSTONE

N.º de Inventário Inventory number

CF.013/1-2, CF.013/2-2

Proveniência Provenance

Castelhanos

Proprietário Owner

Manuel João da Palma

Datação séc. XX

Dating 20th century

Materiais Pedra, liga de ferro e madeira

Materials Stone, iron alloy and wood

Descrição É constituída por uma mó circular em grés com um eixo em ferro que tem acoplada uma manivela para o respectivo manuseio. Está disposta, verticalmente, numa caixa de madeira, em forma de trapézio, que conteria água.

Description It is composed of a circular sandstone grinding stone with an iron axle and a crank which allows its handling. It is vertically placed in a wooden box shaped like a trapezium and filled with water.

Função Amolar as foices

Function To whet the sickles

Dimensões Comprimento 106cm | Largura 48cm | Altura 53cm

Dimension Length 106cm | Width 48cm | Height 53cm



AZIAL (a sort of muzzle)

N.º de Inventário Inventory number

CF.010

Proveniência Provenance

Pereiro

Proprietário Owner

António Soares da Palma

Datação séc. XX

Dating 20th century

Materiais Liga de ferro

Materials Iron alloy



Descrição É constituído por duas hastes, de secção helicoidal, que abrem por intermédio de um eixo que as liga. Uma das extremidades das hastes está enrolada, fechando um orifício circular onde está colocada uma argola. A extremidade da outra haste é espalmada, em forma de cutelo com três reentrâncias onde encaixa a argola presa na outra haste, permitindo diferentes ângulos de abertura da peça.

Description It is composed of two helicoidal section rods which open by means of an axle which unites them. One of the rods' extremities is rolled up, closing a circular hole where a ring is placed. The other extremity is flat and shaped like a chopper with three cavities to fit the ring tied to the other rod, thus allowing the workpiece to have different opening angles.

Função Prevenir a mordedura dos animais enquanto são ferrados

Function To prevent animal bites while they are being branded

Dimensões Comprimento 34,5cm | Largura 9,5cm

Dimension Length 34,5cm | Width 9,5cm

FERRADURA HORSESHOE

N.º de Inventário Inventory number

CF.017

Proveniência Provenance

Pereiro

Proprietário Owner

Matias Mestre Pereira

Datação séc. XX

Dating 20th century

Materiais Liga de ferro

Materials Iron alloy

Descrição É constituída por uma barra de ferro, de secção rectangular, encurvada em forma de ferradura. Apresenta seis orifícios quadrados, simetricamente dispostos na peça.

Description It is composed of a rectangular section, flat bar, bent and shaped like a horseshoe. It presents six square holes, symmetrically placed in the workpiece.

Função Proteger o casco dos animais de carga de tiro e de sela

Function To protect the hooves of pack animals, draught animals and saddle animals

Dimensões Comprimento 12cm | Largura: 10,5cm | Espessura 0,5cm

Dimension Length 12cm | Width 10,5cm | Thickness 0,5cm



TURQUÊS PINCERS

N.º de Inventário Inventory number
CF.016

Proveniência Provenance
Castelhanos

Proprietário Owner
Manuel João da Palma

Datação séc. XX
Dating 20th century

Materiais Liga de ferro
Materials Iron alloy

Descrição É constituído por duas hastes (as pernas), de secção circular e assimétricas, que abrem em cruz por intermédio de um eixo que as liga. As extremidades posteriores (a boca) das hastes são encurvadas para o interior.

Description It is composed of two circular section, asymmetric “legs” which open crosswise by means of an axle which unites them. The legs’ posterior extremities (the opening) are bent towards the interior part.

Função Arrancar os cravos dos cascos e das ferraduras dos animais
Function To pull nails from the animals’ hooves and horseshoes

Dimensões Comprimento 47cm | Largura 9,5cm
Dimension Length 47cm | Width 9,5cm



BIGORNA ANVIL

N.º de Inventário Inventory number
CF.015

Proveniência Provenance
Pereiro

Proprietário Owner
Matias Mestre Pereira

Datação séc. XX
Dating 20th century

Materiais Couro, liga de ferro, liga de chumbo/estanho, madeira e tecido
Materials Leather, iron alloy, lead/tin alloy, wood and fabric



Descrição É constituída por um corpo paralelepípedo denominado mesa (parte plana e lisa onde se malha o ferro) com dois buracos: um quadrado e outro redondo. De um dos lados da mesa parte um bico cónico, denominado chifre. Assenta sobre um cepo de madeira.

Description It is composed of a parallelepiped body named *mesa* (flat and smooth part where the iron is hammered with a mallet) and it has two holes: a square one and a round one. On one of the sides, there is a conic point named horn. It rests on a block of wood.

Função Apoiar a obra
Function To rest the workpiece

Dimensões Largura 54cm | Altura 23,5cm | Profundidade 22cm
Dimension Width 54cm | Height 23,5cm | Depth 22cm

FOLE BELLOWS

N.º de Inventário Inventory number
CF.014/1-2

Proveniência Provenance
Castelhanos

Proprietário Owner
Manuel João da Palma

Datação séc. XX
Dating 20th century

Materiais Couro, liga de ferro, liga de chumbo/estanho, madeira e tecido
Materials Leather, iron alloy, lead/tin alloy, wood and fabric

Descrição A armação do fole é constituída por três pranchas iguais, de madeira e de forma ovóide, formando, a de baixo, o fundo e a de cima o tampo (que tem na sua parte mais larga uma travessa recortada). A do meio possui uns braços para a fixar. O fundo e o tampo convergem, pelo lado mais estreito no cepo, onde se prendem por meio de dobradiças a fim de poderem executar o movimento de abrir e fechar. O espaço entre as pranchas é tapado com couro, formando pregas. A prancha do fundo possui uma abertura, a ventaneira ou fuga. A saída de ar é vedada por uma válvula de cabedal fixa por preguetas, de forma que o ar é obrigado a passar para a biqueira por onde se precipita na fornalha. O fole tem no tampo, pregada a marca do fabricante: ‘Hale Brothers Sheffield’, encimada por uma cabeça de cavalo.

Description The bellows’ structure is composed of three equal planks, made of wood and with an oval shape. The lower plank, along with the bottom and the top ones form the top (whose larger part has an indented bar). The middle plank has arms which fix it.



The bottom and the top converge on the narrower side of the block of wood, where they fasten to each other by means of hinges in order to achieve the opening and closing movement. The gap between the planks is covered by leather, thus forming folds. The bottom plank has an opening called *ventaneira* (tuyere) or *fuga* (vent-hole). The air exit is sealed by a leather valve fastened by folds, so the air is forced to go through the tip and then to the furnace. The bellows' top shows the manufacturer's insignia: 'Hale Brothers Sheffield' placed above a horse's head.

Função Activar o fogo na forja

Function To light the fire in the forge

Dimensões Comprimento 188cm | Largura 102,5cm | Altura (fechado) 27cm

Dimension Length 188cm | Width 102,5cm | Height (closed) 27cm

BOCA DE LOBO (yoke)

N.º de Inventário Inventory number

CF.014/2-2

Proveniência Provenance

Castelhanos

Proprietário Owner

Manuel João da Palma

Datação séc. XX

Dating 20th century

Materiais Liga de ferro

Materials Iron alloy

Descrição É constituído por uma barra de ferro enrolada em espiral, formando um tubo, com duas excrescências laterais que serviriam de encaixe. De fabrico industrial, tem uma inscrito na sua face um número. Faria parte integrante do conjunto forja e fole.

Description It is composed of a flat bar rolled up like a spiral, forming a tube with two lateral excrescences which would serve as a dovetail. Being industrially manufactured, it has a number engraved. It would be part of the ensemble which includes the forge and the bellows.

Função Conduzir o ar do fole para a forja

Function To take the air from the bellows to the forge

Dimensões Comprimento 22,5cm | Ø 12cm

Dimension Length 22,5cm | Ø 12cm



TORNO DE BANCADA LATHE

N.º de Inventário Inventory number

CF.008

Proveniência Provenance

Castelhanos

Proprietário Owner

Manuel João da Palma

Datação séc. XX

Dating 20th century

Materiais Liga de ferro

Materials Iron alloy

Descrição É constituído por uma alavanca e um fuso que permitem a abertura das bocas do torno. Estas bocas, cujas extremidades são encurvadas estão aparafusadas entre si, permitindo que abram e fechem de acordo com as necessidades do trabalho a fixar. O fuso é roscado. O torno tem ainda dois espigões para prender, com parafusos, à respectiva bancada, um maior que vai até ao chão e um mais pequeno para o topo.

Description It is composed of a lever and a spindle which allow the opening of the vice's 'mouths' (its openings). These 'mouths', whose extremities are bent and attached with screws, allowing them to open and close according to the work's necessities. The spindle is threaded. The vice also has two iron tenons with screws to fix the work to the bench: a bigger one which reaches the floor and a smaller one at the top.

Função Segurar a obra

Function To hold the workpiece

Dimensões Altura 99cm | Largura 13,5cm | Profundidade 40cm

Dimension Height 99cm | Width 13,5cm | Depth 40cm





Porta com Ferrolho
Door with a bolt
Nerve, Atelier de Design

BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRAPHY

- ABRIL CASSINELLO, Maria Victoria *et alii*
Património Arqueometalúrgico de Alcoutim, Associação Alcance, Alcoutim, 1994
- ABRIL CASSINELLO, Maria Victoria
Roteiro do Megalitismo do Nordeste Algarvio, Associação Alcance, Alcoutim, 1998
- ABRIL CASSINELLO, Maria Victoria
Tese de Doutoramento: *Los Inicios de la Metalurgia en el Alto Algarve Oriental / Andévalo Occidental Onubense*, (UNED, Madrid), in: *Huelva Arqueológica*, n.º 18, Diputación Provincial de Huelva, 2001
- ABRIL CASSINELLO, Maria Victoria
Estudo Temático: *O Ferreiro*, Ministério da Cultura - Delegação Regional da Cultura do Algarve, 2003
- ANTÓNIO, Ana Gonçalves
'Ferradores do Baixo Alentejo' in: *Ethnologia* – revista do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa, nº 3 e 4, Outubro de 1995 – Setembro de 1986, Lisboa, 1986
- ARAÚJO, Maria Benedita
Superstições Populares Portuguesas, Colibri História - Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, 1997
- ARRUDA, Ana, Margarida
"As Cerâmicas Áticas do Castelo de Castro Marim. No quadro das exportações gregas para a Península Ibérica", in: *Arqueologia & História Antiga*, 1997
- As Idades do Ferro*
Instituto do Emprego e Formação Profissional, Ministério do Emprego e da Segurança Social, 1995
- BAPTISTA, Fernando de Oliveira
"Declínio de um Tempo Longo" in: *O Voo do Arado*, BRITO Joaquim Pais de e outros (coords.), Museu Nacional de Etnologia, Instituto Português de Museus, Ministério da Cultura, Lisboa, 1996
- Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1991
- BEIRÃO, Caetano de Mello
"Une civilization protohistorique du Sud de Portugal (1er. Age de Fer)", Paris, (De boccard), 1986
- BRANCO, Jorge de Freitas, OLIVEIRA, Luísa Tiago de
A Colecção, Celta Editora, Oeiras, 1994

- BRITO, Joaquim Pais de, e outros (coords.)
O Voo do Arado, Museu Nacional de Etnologia, Instituto Português de Museus, Ministério da Cultura, Lisboa, 1996
- BRITO, Joaquim Pais de, CAMPOS, Ana Margarida, COSTA, Paulo Ferreira da
Normas de Inventário – Alfaia Arícola, Instituto Português de Museus, Lisboa, 2000
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão
Monsanto, etnografia e linguagem, Presença, Lisboa, 1984
- CAEIRO, Rosário
“Em casa de ferreiro, espeto de salgueiro – uma abordagem ao ofício de ferreiro” in: Almansor – Revista de Cultura, n.º 1, 2.ª série, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, Montemor-o-Novo, 2002
- CASTRO, Armando
“Transformações das relações económicas. O humilde e tenaz esforço humano de domínio do meio natural” in: SARAIVA, José Hermano, História de Portugal, Publicações Alfa, 1983
- CASTRO, Florencio Vicente
Museo Etnográfico Extremeño González Santana - Olivenza, Editora Regional de Extremadura, Mérida, 1995
- CATARINO, Helena
Tese de Doutoramento: *O Algarve Oriental durante a Ocupação Islâmica- Povoamento Rural e Recintos fortificados*, 3 vol, in: *Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, nº 6, 1997/98
- CHERUBINI, Giovanni
“O camponês e o trabalho no campo” in: LE GOFF, Jacques (dir), *O Homem Medieval*, Editorial presença, Lisboa, 1989
- CHEVALLIER, Denis et CHIVA, Isac
“Patrimoine Ethnologique” in: *Enc. Universalis*, 1991
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain
Dicionário dos Símbolos, Teorema, Lisboa, 1994
- CORTAZAR, José Angel Garcia de
História Rural Medieval, Editorial Estampa, Lisboa, 1983
- DIAS, Jorge
Os Arados Portugueses e as suas prováveis origens, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Maia, 1982
- DUBY, Georges
Economia rural e vida no campo no ocidente medieval, vol. I, Edições 70, Lisboa, 1987
- DUBY, Georges
Guerreiros e Camponeses, os primórdios do crescimento económico europeu – séc. VII-XII, Imprensa Universitária, Editorial Estampa, Lisboa, 1980

- ELÍADE, Mircea
Ferreiros e Alquimistas, Relógio de Água
- ESTEVES, Juvenal A., BAPTISTA, A. Poiares, RODRIGO, F. Guerra, GOMES, M. A. Marques
Dermatologia, 2ª Edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1992
- GIMPEL, Jean
A Revolução Industrial da idade Média, Publicações Europa América, Lisboa, 1976
- GONÇALVES, Victor S.
Tese de Doutoramento: *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma aproximação integrada*, vol. 1 e 2, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989
- GOUVEIA, Henrique Coutinho
“A musealização de sítios – questões relativas à formulação do programa interpretativo” in: *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 32, Porto, 1992
- HEERS, Jacques
O Trabalho na Idade Média, Publicações Europa-América
- HERRERO, Sarvelio Villar
Ofícios Tradicionales, Castilla Ediciones, Valladolid, 1996
- LARCHER, Jorge das Neves
‘O ferro como expressão de arte’ in: *Extremadura - Boletim da Junta de Província*, série II, Lisboa, 1946, pp. 121-128
- LE GOFF, Jacques
A civilização do Ocidente Medieval, vol. II, Imprensa Universitária, Editorial Estampa, Lisboa, 1984
- MACHADO, José Pedro
Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Sociedade da Língua Portuguesa, 1989
- MACHADO, José Pedro
Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, 3ª edição, Livros Horizonte, 1977
- MARQUES, Emília Margarida
“Artes e Ofícios: o gesto e a memória”, in: *História*, nº 22, 1996
- MORATO, Francisco Parrot
Técnicas Artesanais do Nordeste Algarvio, Associação Alcance, Alcoutim, 1999
- MOUTINHO, Mário C.
A organização de um museu local de etnologia, Instituto Português do Património cultural, Departamento de Etnologia, Lisboa, 1986
- NUNES, Berta
O saber médico do povo, Fim de século, Lisboa, 1997

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando, PEREIRA, Benjamim,
Alfaia Agrícola Portuguesa, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1995

PAIVA, José Pedro
Bruxaria e superstição num país sem caça às bruxas, 1600-1774, Editorial notícias, Lisboa, 1997

PICÃO, José da Silva
Através dos campos - usos e costumes agrícola-alentejanos (1903), Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1983

PINHEIRO, Thomaz Bordallo
Manual do Ferreiro, 4ª edição, Livraria Bertrand, Lisboa

ROMBA GUERREIRO, Suzete da Palma
Ramificações, Edição de autor, Tavira, 2007

SILVA, Armando Coelho Ferreira da
“a idade dos metais em Portugal” in: SARAIVA, José Hermano, *História de Portugal*, Publicações Alfa, 1983

VASCONCELOS, José Leite de
Etnografia Portuguesa, vol. VI, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1983

VEIGA, Sabastião Philippes Martins Estácio da
Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos Prehistoricos, 4 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1886/87 e 1889/91

VITERBO, frei Joaquim de Santa Rosa de
Elucidário das palavras, termos e frases; edição crítica por Mário Fiuza, Porto, Livraria Civilização Editora, 1984

OUTRAS FONTES OTHER SOURCES

VARZEANO, José
“A ferrajaria no concelho de Alcoutim”, in: Blogue Alcoutim Livre
(<http://alcoutimlivre.blogspot.com/2009/05/ferrajaria-no-concelho-de-alcoutim.html>), 2009

SANTOS, Gaspar
“Fábrica de foices de Alcoutim”, in: Blogue Alcoutim Livre
(<http://alcoutimlivre.blogspot.com/2009/07/fabrica-de-foices-de-alcoutim.html>), 2009

8.º Encontro de Arqueologia do Algarve
A Arqueologia e as Outras Ciências
Silves, Outubro de 2010





Ministério da
Agricultura,
do Desenvolvimento
Rural e das Pescas



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa investe nas zonas rurais